

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola

Jornada Literária 2015:
História de Mulheres na Escola Municipal Presidente Itamar Franco

Luciana Aquino dos Santos Dias

Belo Horizonte
2016

Luciana Aquino dos Santos Dias

**JORNADA LITERÁRIA 2015:
História de Mulheres na Escola Municipal Presidente Itamar Franco**

Trabalho apresentado ao programa de pós-graduação em gênero e diversidade na escola da
Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de
Especialista em Gênero e Diversidade na Escola

Orientador: Marco Aurélio Máximo Prado

Tutora: Sara Deolinda Pimenta

Belo Horizonte

2016

*“A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende o porquê
Tem talento de equilibrista
Ela é muitas, se você quer saber”*

Desconstruindo Amélia

Pitty e Martin

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo analisar os textos do ensino fundamental da Escola Municipal Presidente Itamar Franco produzidos para a Jornada Literária – História de Mulheres, realizada no ano de 2015. Por meio da análise de conteúdo busca-se identificar e compreender a visão ou a imagem da mulher e do feminino que é apresentada nos textos, uma vez que no processo de realização da Jornada foram realizados diversos debates e discussões sobre o tema, visando estimular e favorecer a elaboração dos mesmos. A partir do referencial teórico adotado compreende-se que o binarismo, centrado nas definições de gênero e sua determinação sobre as concepções sobre sexualidade e heteronormatividade, determina e reproduz uma visão sobre o feminino e a mulher bastante restritiva.

Palavras-chave: Escola. Heteronormatividade. Relações de gênero.

LISTA DE SIGLAS

EMPIF – Escola Municipal Presidente Itamar Franco

GCPF – Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação

GDE – Curso de gênero e diversidade na escola da Universidade Federal de Minas Gerais

JL – Jornada Literária

NUH/UFMG – Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais

PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

RME – Rede Municipal de Educação

SGE – Sistema de Gestão Escolar

SMED – Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 Motivação	08
1.2 Organização da Jornada Literária na Escola Municipal Presidente Itamar Franco	10
1.3 Justificativa	11
1.4 Objetivos	11
2. DESENVOLVIMENTO	
2.1 Fundamentos Teóricos	12
2.2 Escola e gênero	19
2.3 Metodologia	21
2.4 Contextualização	24
2.5 A Jornada Literária 2015 – História de Mulheres	27
2.6 O processo de produção dos textos	29
2.7 A mulher e o feminino nas histórias de mulheres	33
2.7.1 Maternidade / emoções / sentimentos	36
2.7.2 Virtudes	38
2.7.3 Divisão sexual do trabalho	39
2.7.4 Relação com o masculino	42
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS.....	51

1.INTRODUÇÃO

“Caro leitor, o livro que tens em mãos é um presente” (DIAS, 2015, p.7), assim iniciei a apresentação do livro que agora é objeto de estudo desta monografia. Convidada a apresentar aos leitores o produto de um ano de trabalho acerca das discussões de gênero na Escola Municipal Presidente Itamar Franco (EMPIF), convoco a todos/as aqueles e aquelas que tem em mãos o livro ‘*Nenhum Era uma Vez*’ a incomodar-se e posicionar-se diante do que encontrará em suas páginas.

‘*Nenhum Era uma Vez*’ nasceu do projeto Jornada Literária (JL) da Rede Municipal de Educação (RME) da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) realizada pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) por meio da Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação (GCPF). As professoras apresentaram a proposta e as alunas e alunos a abraçaram. Foram meses de discussão, debate e construção sobre a visão que se tem da mulher em nosso meio. O livro, de fato, tornou-se mais que um presente para a comunidade, para além disso, expressa um movimento de percepção e negação de preconceitos e determinismos. Com essa iniciativa a escola possibilita às crianças e jovens o desenvolvimento da sua capacidade crítica, a expressão e o posicionamento a respeito do que lhes possa ser apresentado em termos de valores, crenças, comportamentos e atitudes considerados exemplares na sociedade.

Em ‘*Nenhum Era uma Vez*’ encontramos fantasias, devaneios, vivências, experiências fortes e profundas de adolescentes e crianças que já estão marcadas pelos estereótipos do mundo machista e sexista, que nos separa, nos define e limita pelo gênero. Mas também encontramos sonhos, desejos, projeções e ideais, dizeres bonitos, fortes e positivos que vem de um lugar do qual muitas vezes não se espera nada, ou quase nada. Encontramos ali surpresas, gratas surpresas. Chegamos ao final do projeto fortalecidas/os, refletindo criticamente sobre as diversas identidades do mundo feminino, suas expressões e valores.

Essa experiência foi possível pela vontade e determinação de se realizar o projeto da SMED/GCPF, chamado Jornada Literária, que em 2015 teve sua quinta edição, com a proposta de que as escolas da rede municipal trabalhassem o tema “História de Mulheres”. Segundo suas diretrizes, o projeto “pretende resgatar e reconstruir valores, conceitos, metodologias, práticas e, principalmente, permitir que os estudantes da Rede Municipal de Educação (RME) se reconheçam como sujeitos da sua formação”¹.

¹http://projeto3ciclo.appspot.com/init/plugin_wiki/page/jornada-literaria

1.1 Motivação

Ao iniciar o curso do GDE em agosto de 2014, ainda não sabia bem o que pesquisar. Pleiteei a vaga, pois além da vontade e da necessidade em estar sempre atualizada na profissão que exerço, quis resgatar os debates com os quais estive envolvida durante a graduação. Não sabia ao certo sobre qual seria o tema dessa monografia, mas a princípio estaria ligada às questões de raça e etnia, pelo sentimento de pertencimento e pelo caminho que percorri ao longo do curso de História, participando do Conexões de Saberes e do Centro de Convergência de Nova Mídias². Entretanto, tive a oportunidade de me ambientar em novas discussões e abrir o leque no que diz respeito à cultura, à sexualidade, às questões de gênero e ainda ampliar os debates sobre raça e etnia.

A realização dessa monografia surge, portanto, em primeiro lugar como pré-requisito para a conclusão do curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) oferecido pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais (NUH/UFMG). Entretanto é mais que isso quando diz respeito à minha prática cotidiana e quando, escrevendo, posso avaliar minha postura política e profissional. É, portanto, um estudo posicionado em relação às minhas próprias concepções de vida e trabalho. Sou mulher, negra, vinda de uma classe social desfavorecida, formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo sido bolsista e estagiária durante minha formação em programas de ações afirmativas. Desde a conclusão do curso, atuo como professora nas redes municipais de ensino, trabalhando de perto com adolescentes que vivem na pele todos os dias processos discriminatórios e opressivos.

Quando me decidi por analisar as questões de gênero, havia me deparado com certos debates na EMPIF e já me incomodava com algumas situações cotidianas. Dentre tantos exemplos que presencio/vivencio diariamente, inúmeras situações se relacionam ao binarismo, à hierarquia e às relações de gênero. Posso citar como exemplo, um acontecimento do mês de setembro de 2015 que foi inclusive alvo de uma análise minha para um dos trabalhos ao longo desse curso de pós-graduação. Um grupo de alunos resolveu tentar elaborar um campeonato de futsal. Os estudantes pediram autorização da coordenação e assim que a obtiveram foram passar nas salas para mobilizar os demais e fazer as inscrições dos

² Dois programas dos quais fui estagiária ao longo da graduação e que discutiam principalmente a questão da raça, apesar de que cultura e gênero também faziam parte de nossos debates e ações.

times. O primeiro enfrentamento surgiu quando uma aluna questionou se não haveria jogo também para as meninas. A resposta imediata que ela recebeu foi: “menina não joga futebol, vocês nem sabem jogar”.

Diante dessa situação surgiu a discussão, a princípio na sala dos professores (levada pela educadora que presenciou o “diálogo” em sala de aula), mas de uma maneira muito vaga e até xistosa. Tentamos abordar o assunto com a supervisão pedagógica que foi muito receptiva e sugeriu que houvesse também um campeonato disputado por meninas.

Infelizmente os discursos de inferioridade do gênero nos esportes está muito arraigado e até naturalizado em nossa sociedade. Após o movimento de inserir as meninas no campeonato pude perceber que desde a infância e a adolescência algumas posturas são internalizadas, digo isso porque presenciei a renúncia delas, dizendo “deixa, a gente ia passar vergonha mesmo”, entre outras falas que demonstram o determinismo biológico para algumas atividades que não seriam atribuições de um gênero.

Para ampliar ainda mais a efervescência da situação, um aluno assumidamente homossexual se inscreveu, mas foi rejeitado tanto para jogar nos times dos meninos quanto nos times das meninas. Eles diziam: “boiola você tem que jogar com as meninas, vai ficar gritando e atrapalhando”. Já as estudantes afirmavam que ele era mais forte e jogaria melhor que elas.

Mesmo que o caso apresentado pareça simplório, dialogo com Mattos (2014b) quando ela diz que precisamos compreender todas as práticas que nos rodeiam, sejam elas verbais ou não, mas que estão sempre presentes nas relações humanas. Desse modo, me empenhei em entender melhor os movimentos, decisões e debates que ocorrem no meu local de trabalho, onde posso contribuir, sendo sujeita e autora responsável por pensar a educação como um espaço político de transformação da realidade. Sabemos bem que nem legislação e nem projetos conseguem mudar da noite para o dia os conflitos que vivemos, mas são importantes para as mudanças com as quais tanto sonhamos.

1.2 Organização da Jornada Literária na EMPIF

Na EMPIF³ as professoras de Língua Portuguesa e de Língua Estrangeira Moderna (Inglês) iniciaram a participação na JL com alunos e alunas do nono ano do Ensino Fundamental. Entretanto, já no princípio dos trabalhos, ambas perceberam a importância de envolver o maior número de alunos e alunas possível visto o quanto seria significativo para o seu desenvolvimento social e educacional.

Após se apropriarem de toda a proposta da SMED/GCPF nos primeiros encontros de formação oferecidos pela própria RME, as professoras apresentaram o projeto aos demais trabalhadores em educação do terceiro ciclo da escola, convidando todos e todas a participarem. De um modo bastante politizado, receberam apoio do professor de História que se prontificou a realizar debates e discussões em suas aulas, com uso de filmes, textos e todo acervo que ele possui acerca do tema – História de Mulheres – uma vez que em suas inquietudes já se afiguravam tal intuito. Houve também o interesse da professora de Artes em contribuir com o projeto gráfico do livro, desenhos, ilustrações e outras questões estéticas.

Minha participação no projeto ficou limitada, pois ele foi desenvolvido com os alunos e as alunas do terceiro ciclo, e naquele ano trabalhei com os estudantes do sexto ano, ou seja, último ano do segundo ciclo. Por outro lado, resolvi não me envolver com o desenvolvimento do projeto, embora estivesse na vivência dos debates e discussões sobre o tema no GDE, pois escolhi aproveitar essa experiência da e na escola, observar e construir minha monografia sobre o movimento que nascia ali. Em outras palavras, a partir da percepção e da observação dos relatos das professoras, entendi que o tema, as atividades desenvolvidas, os debates e os textos produzidos, iriam dizer do lugar de gênero que tanto debatemos em nosso curso e que seria riquíssimo explorar o entendimento e os significados produzidos na escola sobre gênero, especialmente sobre o feminino.

A JL de 2015 teve início no mês de março, com a previsão de culminar no mês de outubro com o possível lançamento de um livro com textos e desenhos dos estudantes acerca do tema História de Mulheres, em diálogo com o objetivo de estimular a criação e o protagonismo dos jovens, tornando o processo de aprendizagem mais significativo para os mesmos. O produto final do projeto ainda passaria por um concurso com os demais produtos

³ Eu trabalho na Escola Municipal Presidente Itamar Franco desde Julho de 2013, como professora de História e tive a oportunidade de acompanhar todo o processo de construção da Jornada Literária, principalmente pela afinidade profissional com as professoras que o desenvolveram, bem como pelo desejo político de construir uma escola mais humana que se preocupe com a formação integral das crianças com as quais trabalhamos.

da regional onde ele se inscreveu, o que colaborou para ampliar as discussões, não apenas naquela escola, mas também num contexto muito mais amplo.

1.3 Justificativa

É estranho notar que apesar de tantas demandas, atuações, como as dos movimentos feministas, e discussões que nos chegam todos os dias por meio da mídia e das redes sociais, com as quais os alunos e as alunas tem muito contato, as práticas cotidianas e os discursos pouco se alteram. Muitas vezes, a resistência ou o não tratamento de determinados assuntos polêmicos vem do próprio/a educador/a. A escola, de uma maneira geral, precisa de uma urgente intervenção, daí afigura-se a importância de cursos de formação como o GDE por exemplo, mesmo porque, até participando do curso e enriquecendo nosso fazer, ainda encontramos dificuldades em modificar práticas tão arraigadas. De modo geral os discursos sobre a inferioridade do gênero feminino continuam fazendo parte do contexto e do dia-a-dia da escola sem que haja uma intervenção efetiva para mudar esse quadro. Desse maneira, a visão baseada no determinismo biológico e a consequente naturalização das diferenças de gênero se impõe em diversas atividades e acaba se fortalecendo na escola e se reproduzindo fora dela.

Atrelar essa vivência diária a uma discussão bem fundamentada, com uma bibliografia densa me permite refletir e aprofundar sobre minha própria prática enquanto um ser atuante e comprometido com a educação. Nesse sentido, esse estudo ganha um caráter importantíssimo na produção do conhecimento, mesmo que esse esteja limitado ou restrito a uma escola da RME de Belo Horizonte, pois pode servir para abrir olhares e ampliar práticas em outros territórios.

1.4 Objetivos

Diante de tudo que foi exposto até aqui e tendo em vista que o objeto da pesquisa foram os textos produzidos para a JL, esse trabalho tem por objetivos:

- Analisar a visão expressa sobre as relações de gênero nos textos produzidos por alunos e alunas para a JL 2015.

- Identificar e caracterizar as abordagens sobre a mulher expressas nos textos produzidos pelos alunos e alunas do sétimo ao nono ano com o tema História de Mulheres.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentos Teóricos

A cada momento no contexto escolar algumas ações “sem intencionalidade” acabam velando preconceitos que são negados, ou que a sociedade finge não existir, reproduzindo assim as condições para que a intolerância às diferenças façam parte do cotidiano escolar. Nesse sentido, “reproduzimos cotidianamente as condições para que inúmeras injustiças se multipliquem” (MATTOS, 2014b, p.5). Em lugar dessas práticas a escola poderia problematizar as visões fundadas no determinismo biológico, o binarismo e os estereótipos de gênero e as práticas preconceituosas que deles decorrem. Ao contrário, boa parte dos/as professores/as reafirma em suas práticas, discursos e símbolos, a diferenciação de gênero, de modo a reproduzir o que Louro (1997) marca como entendimento dessa instituição: “diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos” (LOURO, 1997, p.57). Diante disso, na maioria das vezes disfarçamos ou negamos os conflitos de nossos/as alunos/as e não debatemos assuntos que podem fazer toda diferença em suas vidas.

De acordo com Mattos (2014), “em relação às questões de gênero, vemos que a escola brasileira muito contribui para a manutenção das hierarquias em nossa sociedade” (MATTOS, 2014b, p.6). Essa afirmativa nos leva a refletir e compreender a presença de inúmeros casos e acontecimentos que permeiam o dia a dia de nossas escolas e que não são encarados com a devida seriedade, reproduzindo a falsa ideia de igualdade. Sigo dialogando com a autora quando ela afirma que precisamos compreender todas as práticas que nos rodeiam, sejam elas verbais ou não, mas que estão sempre presentes nas relações humanas, para analisar as produções dos alunos acerca das relações de gênero e do lugar da mulher na sociedade.

Ademais, no presente trabalho interessa sobremaneira o termo gênero que por definição é demasiado complexo e pode ser utilizado para muitas referências. Para entender as

visões aqui apresentadas, precisamos delimitar o conceito de gênero, passando pelas discussões sobre o caráter biológico e todas as implicações sociais que isso traz, principalmente no estudo relativo às mulheres e sua presença e atuação. O conceito de gênero é complexo e amplo e será analisado à luz dos textos apresentados por Amana Mattos (2014a e 2014b) e Carolina Esmanhoto Bertol (2014a e 2014b), em diálogo principalmente com autoras feministas de grande influência como Joan Scott (1989) e Guacira Lopes Louro (1997).

Guacira Louro (1997) destaca essa complexidade quando nos diz que “as palavras (todas elas) não nos revelam imediatamente e diretamente o que significam, isso fica essencialmente evidente quando nos referimos a gênero” (LOURO, 1995, p.102 *apud* SOUZA e FONSECA, 2010). A primeira demarcação do termo aparece como a diferença entre os homens e as mulheres, sendo muitas vezes utilizado como sinônimo de sexo. Entretanto a referência que mais nos interessa tange as diferenças sociais e as relações de poder que estão implicadas nessas diferenças. Em suma, é aquilo que nos diz Joan Scott (1989), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p.21). A autora também aponta a necessidade de pensarmos para além da dualidade entre masculino e feminino, trazendo à tona a ideia de que os símbolos, as linguagens e as instituições se interligam a esse conceito. Corrobora com essa ideia a colocação de Souza e Fonseca (2010): “a emergência do conceito de gênero nas discussões sociológicas está relacionada, tanto do ponto de vista linguístico quanto da perspectiva política, às lutas das mulheres pela afirmação de seus direitos e às lutas do movimento feminista contemporâneo” (SOUZA e FONSECA, 2010, p.18).

O referido termo começou a ser utilizado pelas feministas nos últimos anos do século XX para analisar e tentar compreender as desigualdades entre os sexos e explicitar a opressão sofrida pelo sexo feminino, nas esferas pública e privada. Tais desigualdades são justificadas pela diferença biológica, as quais acabam por determinar as relações de poder, e também por discursos religiosos e políticos. A princípio, o uso do termo tinham como foco denunciar a opressão do feminino pelo masculino e questionar a invisibilidade da mulher em determinados espaços (SOUZA e FONSECA, 2010). Desde então, a luta do feminismo foi fundamental contra a discriminação e a violência (intimamente ligadas àquilo que é hegemônico, atingindo o que não faz parte da “norma”, que de tão reguladora, define sexo, práticas sociais e até mesmo o desejo), levando mais visibilidade ao tema, sendo que ainda há muito a se fazer. O conceito de gênero “passa a ser usado, então, com um forte apelo

relacional — já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (LOURO, 1997, p.22).

Cabe destacar que o termo sexo não nos serve, pois se refere tão somente a uma categoria biológica, incapaz de abarcar as diferenças sociais. Sob esse termo, as mulheres são frágeis e precisam do sexo oposto que é mais forte e racional, devendo este cuidar dos interesses da família, visão que, de uma maneira geral, historicamente constituída, acaba por construir ideais sociais, estereótipos, valores e ou preconceitos afixados sob papéis que cada um deve desempenhar, nesse caso, os

[...] papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 1997, p.24).

Tudo isso, sempre garantido “através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos” (LOURO, 1997, p.24). Há, portanto, nesse termo uma dicotomia, os seres humanos estão condicionados a duas opções, ser macho ou fêmea, sendo que não se pode escolher, já se nasce assim. Nesse sentido, “a evocação da diferença é pautada pela valorização de determinados corpos, situações e eventos, criando estereótipos que aludem a uma ideia de imutabilidade” (BELELI, 2014, p.50). A mulher sempre esteve reclusa ao ambiente privado e ao trabalho doméstico, sem nenhum benefício econômico e produtivo, tendo no homem a medida e a referência de todas coisas.

Diante do exposto, podemos considerar que o termo sexo serve para hierarquizar os sujeitos, enquanto que o termo gênero, como aborda Scott (1989), é uma categoria de análise e de diferenciação das relações percebidas entre os sexos. Podemos ainda discorrer que não existe naturalmente gênero feminino e gênero masculino, por ser ele uma categoria relacional. O mesmo afirma Beleli (2014): “atributos de feminilidade e de masculinidade *não são* características ‘naturais’, mas são construções sociais pautadas pelo sexo”, pontuando ainda que “é possível construir relações nas quais as diferenças corporais não signifiquem inferioridade, subalternidade, determinando as posições do sujeito” (BELELI, 2014, p.54 – grifos da autora). De tal modo, esse pensamento acerca do gênero pode tornar viável mudanças nas relações de poder em nossa sociedade.

A urgência do termo adveio das características normativas atribuídas ao sexo. Os papéis sociais sempre foram conferidos aos sujeitos de acordo com os genitais, desde o

momento do nascimento, ou mesmo antes dele, pela família, pela escola e até pela mídia/meios de comunicação, delimitando expectativas de comportamento acerca de como cada um deve pensar, agir, sentir, etc. de acordo com o sexo sob o qual nasceu, que originam relações de domínio e exploração daquele dito mais forte sobre o mais frágil e necessitado, que precisa de controle e vigilância permanente⁴. Utilizar o termo gênero nos ajuda a desnaturalizar as características biológicas, pensando as diferenças, sem contudo, transformá-las em desigualdades. Vale lembrar também que as pessoas podem se identificar com um gênero, e ser percebida diferentemente de sua própria afirmação, ou seja, nem sempre a identidade de gênero (maneira como cada um se identifica, segundo Scott (1989), identidade subjetiva) é igual a expressão de gênero. E, por tudo isso, faz-se necessário a expansão dos conceitos de gênero.

Observando essas colocações não podemos deixar de relacionar o termo gênero com a questão do binarismo de gênero, a heteronormatividade e as relações de poder que se instauram nesse campo, muito porque “[...] o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (LOURO, 1997, p.23). Num sentido amplo, a heteronormatividade é um conceito que considera os relacionamentos heterossexuais como o comportamento normal dentro da sociedade, excluindo quaisquer outras maneiras de se relacionar e marginalizando as orientações sexuais diferentes daquelas ditas naturais, normativas. O outro conceito, o de binarismo de gênero, já foi tangenciado acima: é uma dicotomia, segundo Louro (1997), a divisão da sociedade em dois polos rigidamente demarcados, sendo cada um, único e idêntico a si mesmo, com a superioridade do primeiro elemento sobre o segundo (um polo dominante e outro dominado). Nesse dicotomia dá-se o exercício do poder, pois a superioridade de um silencia, submete e oprime o outro, “um homem *versus* uma mulher dominada — como se essa fosse uma fórmula única, fixa e permanente” (LOURO, 1997, p.37– grifos da autora).

A oposição entre dominadores e dominados nos revela a questão da relação de poder que perpassa o conceito de gênero e explicita a desigualdade de gênero, fazendo parecer natural a subordinação feminina. É como afirma Louro, “a atribuição da diferença está *sempre* implicada em relações de poder, a diferença é nomeada *a partir* de um determinado lugar que se coloca como referência” (LOURO, 1997, p.51 – grifos da autora). Não esquecendo,

⁴ Para que esse sistema seja mantido, a regulação social se dá desde a infância, até mesmo nas brincadeiras e nas vestimentas atribuídas a cada sexo. Ela se instaura no ambiente escolar que serve a tal regulação, o qual será analisado também nesse texto.

contudo, que ambos os lados desenvolvem formas/estratégias de resistência e de enfrentamento.

Em suma,

[...] a compreensão das relações de gênero perpassa por várias conceituações e estudos, desde a construção de papéis masculinos e femininos, do aprendizado destes que formam a identidade dos sujeitos; da sexualidade; do enfoque na violência contra a mulher; das discussões sobre as masculinidades, até as questões que conseguem relacionar gênero e poder, colocando em evidência que a subordinação feminina não é natural, estática e imutável. Com o tramitar histórico, percebe-se que as identidades não são fixas, mas mutáveis e transformáveis, além de serem plurais e diversas. Assim, vai se gestando a concepção de gênero como relacional (COSTA; SILVERA e MADEIRA, p.222).

Amana Mattos (2014b) chama atenção para o fato de que precisamos entender que a estruturação do conceito de gênero acontece em contextos específicos e que é através desse entendimento que poderemos atuar na “desconstrução de privilégios e opressões”. A referida autora ainda destaca que a (re)produção das hierarquias acontece em ambientes institucionais, sendo um deles a escola, que hierarquiza os sexos e naturaliza as desigualdades. Num espaço micro, que nos serve como ponto de análise de relações que e dão em contextos mais amplos, tentou-se mostrar aos alunos e às alunas a luta que enfrentamos diariamente contra a hegemonia e a opressão, problematizando as desigualdades marcadas pelo sexo e pelo gênero⁵, em diálogo com tudo que se foi dito aqui em relação a conceituação que nos ajuda a entender também a imagem estereotipada que aparece em alguns do textos. Não podemos pensar que o modo como trabalhamos determinados temas em sala de aula não interfere na outra pessoa do diálogo. Tenhamos em mente que muitas vezes o que falamos e fazemos reflete naquilo que nosso interlocutor vai fazer e em como fará.

Alguns autores e autoras ajudam a compreender o lugar da escola e as relações que essa instituição perpetua. A visão aqui é de que a escola deve informar e discutir os preconceitos, crenças e atitudes de nossa sociedade, e também, abordar aquilo que é transmitido pela mídia e pela família, de maneira que os/as jovens possam criar as possibilidades de formar opiniões a respeito do que lhe é apresentado. Nada melhor que isso seja produzido pelos/as próprios/as estudantes como é a proposta desse projeto da SMED/GCPF.

Os textos de Iara Beleli (2014) nos ajudam a colocar em xeque os conceitos já arraigados, discutir e analisar práticas e atitudes no dia a dia e no fazer escolar, principalmente

⁵ Questão puramente biológica: masculino e feminino diferenciado pelos órgãos sexuais. Já o gênero relaciona-se com comportamentos, atitudes e sentimentos atribuídos socialmente a um dos sexos.

em relação ao gênero. A partir dos textos que ali se encontram podemos pensar e repensar os mecanismos e estratégias presentes no cotidiano escolar que acabam por reforçar, fora dos muros da escola, as desigualdades de gêneros. Outros autores serão importantes para analisar e entender um pouco também sobre a presença da questão da violência de gênero, principalmente contra a mulher, que se apresentou em alguns textos produzidos pelos alunos e alunas, mesmo que de maneira tímida, pois a visão de mulher ali é muito positiva e estereotipada.

No que diz respeito à questão da violência contra a mulher, Bertol(2014) afirma que o tema só tomou relevância jurídica e social muito recentemente e graças aos movimentos feministas, passando a ser entendido “não mais como um problema privado, restrito às relações afetivas, mas como um problema que tem base nas desigualdades de gênero, desigualdades de poder entre homens e mulheres que envolve toda a estrutura social” (BERTOL, 2014, p.1).

A violência de gênero pode incluir agressões físicas, psíquicas, morais e sexuais que um pode exercer sobre o outro. Ao longo da história tais ocorrências foram consideradas como sendo de fórum privado, essa retomada é feita por Deberte Gregori (2008), sendo que esses autores apontam como certas legislações contemplam o problema ou o invisibilizam. Cabe pontuar que as situações de violência, advém da estrutura de dominação e de imposição do binarismo de gênero, sendo que “há uma tentativa de garantia e de construção de uma identidade masculina através da violência. Em outros casos, a violência é justificada porque a parte violentada não cumpre as expectativas que recaem sobre o que se espera dela na relação” (BERTOL, 2014, p.7).

Por outro lado, não podemos generalizar a ideia de que masculinidade se relaciona tão somente a agressão, como modo de evitar a naturalização de padrões de comportamento e entender que essa é mais uma das características incorporadas pelos processos de criação e manutenção dos papéis sociais atribuídos aos sexos, tanto por processos educacionais quanto por vivências sociais, como já foi pontuado. Do mesmo modo que a violência, como forma de domínio, incorre também nas relações profissionais, ou em qualquer espaço onde se estabeleça a relação de poder, relacionada a ideia de desigualdade (dominador/dominado).

No que diz respeito ao espaço escolar, essa questão da violência também se reforça, estando presente e sendo transmitida “pela estrutura curricular, materiais pedagógicos, nas atividades propostas, na delimitação do tempo e do espaço pelos sexos, nos silêncios e nas falas, nos diversos códigos e símbolos presentes no contexto escolar e nas relações e trocas que se dão na escola” (BERTOL, 2014, p.8). Além dessa ressalva, ainda lembramos que a

violência de gênero não ocorre somente com mulheres cisgêneros⁶ heterossexuais, pois são inúmeros

[...] os casos de trans*⁷, homossexuais, lésbicas que são violentados somente por causa da forma de expressar sua sexualidade.[...sendo que nesses casos] a violência muitas vezes é desencadeada pela desestabilização que suas expressões de gênero e de sexualidade provocam na ideia de que somente são possíveis duas formas de expressão de gênero e que elas são fixas. (BERTOL, 2014, p.6)

Como os textos aqui analisados foram produzidos por adolescentes com idade entre 11 e 15 anos, é válido dialogar também com uma literatura acerca de como funciona a mentalidade desses/as jovens, principalmente no que diz respeito às questões de gênero, ainda que para eles e elas não esteja assim colocado. Recorro principalmente a *Filha* (2011), Pires (2009) e Pariz (2011), pois as três autoras nos mostram em linhas gerais como as crianças constroem e expõem as representações de gênero. *Filha* (2011) aponta que as descrições das princesas e dos príncipes se ligam ao ideal de masculino e de feminino, juntamente com a visão do “viveram felizes para sempre”, carregando

[...] elementos simbólicos e representativos de várias questões como o amor romântico, o ideal de masculinidade e de feminilidade, os conflitos familiares, os desafios e as maldades que movem as relações interpessoais, a eterna luta entre o bem e o mal e, sobretudo, as possibilidades de encontrarmos proteção e amor eterno ao final da história. (FILHA, 2011, p. 592).

O modo como o gênero se vincula nas obras de literatura infantil é analisado por Pires, (2009) que nos diz que esse livros são “artefatos culturais” carregados de significados, legitimando comportamentos e servindo à reprodução de determinados padrões. Por seu turno, Pariz observa “como a construção do feminino se dá através da literatura infantil” (PARIZ, 2011, p.4). Versa ainda sobre beleza, romantismo e família, três categorias que serão importantes no momento de observação das unidades de análise a partir da metodologia aqui adotada. Pariz (2011) também observa o outro lado da dicotomia, o masculino, apresentando o ideal de proteção e segurança naturalmente atribuído àquele sexo.

Parte dos conceitos e autores apresentados acima nos ajudam a entender e analisar como se dá performatividade⁸ da figura feminina em nossa sociedade, os estereótipos e os

⁶Cisgênero: termo utilizado para se referir as pessoas que se identificam com o sexo atribuído a elas no momento do nascimento.

⁷Transgênero: termo utilizado para se referir ao indivíduo que assume uma identidade de gênero diferente daquela que lhe foi atribuída no nascimento.

⁸ Performatividades: termo que diz respeito àquilo que é considerado “normal” em relação à sexualidade humana, dividindo-nos entre macho e fêmea e marginalizando estigmatizando aquele que é diferente do que

comportamentos esperados e atribuídos a cada sexo, bem como as categorias levantadas nos textos dos/as estudantes. Outra parte da literatura aqui apontada nos permite vislumbrar aquilo que ocupa o imaginário e a visão de mundo (e do feminino nesse mundo) dos alunos e alunas que produziram os textos, que foram analisados de acordo com as leituras e referências que eles e elas tem, mas sem deixar de pensar também na influência que houve sobre sua produção o tratamento e o material utilizado pelos/as professores/as e que será apontado logo a seguir.

2.2 Escola e Gênero

Esse livro é um presente. Serve à nossa comunidade como um movimento de perceber e negar preconceitos e determinismos, uma vez que a escola deve também informar e discutir crenças e atitudes de nossa sociedade, vindas da mídia e da família, de maneira que as crianças e jovens possam criar a possibilidade de formar opiniões a respeito do que lhe é apresentado. (DIAS, 2015, p.7)

Essa é visão que trago do que deve ser a escola, um espaço de produção de conhecimento em constante diálogo com os direitos e valores humanos, de maneira crítica, ética e construtiva. Contudo, seria falso não reconhecer que em nossa vida cotidiana, na maioria das vezes, não encontramos tempo e espaço para pensar o processo educativo, de maneira que acabamos por reproduzir o que está dado. Nesse sentido perpetuamos aquela função pedagógica da escola abordada por Louro (1997): a constante separação e diferenciação entre o feminino e o masculino no ambiente escolar. Ou seja, a escola segue reproduzindo e, às vezes, fortalecendo a ordem social estabelecida e naturalizada.

Para romper com tal situação, a referida autora nos diz de “um novo modelo pedagógico construído para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar” que viria através da pedagogia feminista, propondo estratégias de embate às relações de hierarquia (LOURO, 1997, p.117). Recorrendo a Scott (1989), reafirmo que é necessário romper com a dicotomia masculino/feminino, pois o gênero é uma das principais instâncias pela qual se articula as relações de poder e hierarquia, principiando institucionalmente dentro da escola, já que ela “é atravessada pelos gêneros” (LOURO, 1997, p.89).

seria a regra do comportamento social estabelecido. Para entender bem esse conceito é importante ler um pouco de Judith Butler.

É importante ressaltar, em linhas gerais, que além de se discutir as questões de gênero, não podemos deixar de relacioná-las a outros fatores que marcam as experiências escolares em nosso cotidiano e também além dos muros da escola. Nesse sentido, cabe destacar o conceito de interseccionalidade, relacionado principalmente o gênero com a raça e a etnia. Hirata (2014) nos diz que o uso do termo interseccionalidade se deu “pela primeira vez, para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe” (HIRATA, 2014, p. 62). A importância de se ressaltar esse conceito advém da tentativa em analisar a realidade não apenas através de um conceito isolado, tendo em vista que os sujeitos são múltiplos e as identidades carregadas de marcadores sociais, construídos e articulados de maneira relacional. Podemos nos fazer o mesmo questionamento levantado por Beleli (2014): “como se chega ao imaginário de que feminino, negro e pobre são menos valorizados pela sociedade?” (BELELI, 2014, p.52).

Existem categorias de diferenciação que “somam-se” à categoria gênero, resultando em inúmeros motivos de subordinação/inferioridade daquele/a que é diferente ou que foge à norma estabelecida.

Ser mulher cisgênero, branca, heterossexual e moradora de um bairro de classe média, por exemplo, me insere em relações, experiências de opressão e redes valorativas bem específicas. Por outro lado, ser mulher trans*, negra, homossexual, moradora de uma favela, já me coloca em relações de poder e opressão bem distintas. Inclusive, mais invisibilizadas, e por isso mesmo, mais violentas (MATTOS, 2014, p.7).

Podemos citar também a questão da vulnerabilidade de uma mulher negra, em relação a outras categorias que lhe são socialmente superiores, Hirata (2014) nos demonstra isso usando o exemplo das diferenças de salário entre pessoas de “diferentes categorias”, pontuando que o homem branco é melhor remunerado que o homem negro e esse, por sua vez, tem salários melhores que as mulheres brancas. Cabe ainda dizer que não são apenas as marcas de raça, etnia e gênero que definem o lugar social, pois a isso se relaciona também a classe, a orientação sexual, as diferenças regionais e a nacionalidade, contribuindo para uma “escala” de interação e subordinação, ou visto por outro lado, de dispositivo de poder e superioridade.

Não é somente em relação à questão do gênero que a escola executa e reproduz modelos de socialização e práticas discriminatórias direcionadas àqueles e àquelas que são diferentes do padrão: “homem masculino, branco e heterossexual” (SILVÉRIO et al., 2014, p.116). Nossas escolas não são neutras, sua postura de aceitação e de reprodução dos padrões

estabelecidos serve tão somente para silenciar as diferenças, permitindo que elas se perpetuem. Da maneira que se apresenta, a educação pune e torna invisível aqueles/as que são percebidos/as como socialmente desviantes a fim de manter os valores já arraigados permitindo a “formação social dos preconceitos e discriminações direcionadas aos sujeitos que de algum modo ‘transgridem’ a ordem da normalidade” (SILVÉRIO et al., 2014, p.116). Ao invés disso, a escola precisa sim, desconstruir significados impostos e questionar tais padrões instituídos, pois é uma “instituição potencialmente capaz de questionar e, portanto, não perpetuar a reprodução de modelos compulsórios de identidade, comportamento e formas de compreender a si mesmo e sua relação com o (a) outro (a)” (SILVÉRIO et al., 2014, p.120).

Para superarmos tais práticas de reprodução de estereótipos, modelos e hierarquias e contribuir para a construção de identidades individuais e coletivas precisamos refletir sobre nossas abordagens cotidianas, além de “rever os conteúdos didáticos e a própria linguagem utilizada pelos educadores” (BELELI, 2014, p.51). No entanto, isso vai acontecer somente se

admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 1997, p.85 - 86).

2.3 Metodologia

Partindo do lugar de onde falo, entendo que um estudo como este está carregado de concepções e impressões muito pessoais. Assumo, portanto, a impossibilidade de uma completa neutralidade, principalmente visto que muitos autores, como aponta Pimenta (2012), questionam essa imparcialidade do pesquisador, de modo que “a distinção entre neutralidade e objetividade precisa ser resgatada” (PIMENTA, 2012, p.16). A objetividade pode ser adquirida, ainda que de maneira parcial, através de um posicionamento crítico, mas a

neutralidade total e completa não pode ser atingida, devido ao posicionamento e ao envolvimento do pesquisador com seu “objeto”.

Para alcançar os objetivos já mencionados, a metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, a partir das contribuições de Campos (2004); Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014). A análise de conteúdo é considerada “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (CAMPOS, 2004, p.612). Nessa perspectiva a análise de conteúdo possibilitará o alcance dos objetivos propostos de maneira mais satisfatória nos permitindo qualificar as percepções sobre o fenômeno aqui apresentado, estando elas explícitas, ou não, nos textos (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014).

O foco da análise de conteúdo será direcionado aos textos produzidos pelos alunos e alunas para a JL de 2015, considerando também o material utilizado pela professora de Língua Portuguesa para discutir o projeto, seus objetivos e o tema “História de Mulheres”. Para tanto, o diálogo com o referencial teórico conduzirá o procedimento de análise.

Para seguir com a análise de conteúdo, primeiramente foi feita uma leitura flutuante dos textos dos/as alunos/as, como uma maneira de “sentir” aquilo que está apresentado, sem compromisso objetivo, para conhecer o contexto e deixar “fluir impressões e orientações” (CAMPOS, 2004, p. 613). Depois seguiu-se uma nova leitura mais atenta para selecionar as partes que dizem respeito diretamente às visões atribuídas às mulheres e indicar unidades de análise. A partir de então, algumas categorias foram estabelecidas com vistas ao referencial teórico e aos textos sobre a metodologia escolhida. Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), citando Minayo (2007), destacam que “operacionalmente, a Análise Temática de Conteúdo [...] desdobra-se nas etapas pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação” (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p.16).

Dessa maneira, é importante pontuar que o procedimento de definição das unidades de análise também está de acordo com a metodologia adotada. A análise de conteúdo propicia que o pesquisador produza inferências, de modo que, as categorias são “recortes do texto”, usando-se palavras, sentenças, frases, temas, personagens ou parágrafos como unidades de análise. O procedimento pode ser intuitivo ou concreto, explícito ou aparente, ao que se agrega também uma correlação com os objetivos do trabalho e as teorias adotadas (CAMPOS, 2004). Ao estabelecermos as unidades de análise podemos então codificá-las, elaborando categorias, diferenças ou agrupamentos e, por fim, realizar as “[...] interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente” (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p.16).

Antes propriamente de apresentar as apreciações feitas com a análise de conteúdo é importante também apresentar o lugar onde os textos em questão foram produzidos, assim como o lugar de onde falam os/as adolescentes autores/as dos mesmos. Por isso, há um breve relato acerca do contexto, apresentando a escola e a comunidade por ela atendida. Ao que se segue iniciei a análise de conteúdo a partir da já mencionada leitura flutuante que ocorreu já no início dos trabalhos, em abril. De tudo que foi produzido em sala de aula ao longo de todo o projeto, entre 60 e 70 textos, 30 foram selecionados, sendo 23⁹ textos de diferentes gêneros (cartas, contos, crônicas, poemas e circuito fechado) e 7 acrósticos, além de alguns desenhos para compor o livro que seria lançado.

A escolha de determinados textos em detrimento de outros aconteceu primeiramente pelo crivo das professoras que participavam diretamente de sua produção, levando em consideração que alguns meninos e meninas não se empenharam na produção ou não abraçaram o projeto. Num segundo momento, um montante de 53 deles foi encaminhado a uma comissão interna formada por trabalhadores da própria escola, uma professora, a vice-diretora e a bibliotecária, encarregadas de selecionar aqueles que iriam compor a produção, sendo que esta estava limitada a 30 páginas pelo edital do concurso a que se destinava. Diante disso, optei por trabalhar com os textos que foram publicados como produto final, no livro intitulado ‘*Nenhum era uma vez*’. São 10 autores do sexo masculino e 12 do sexo feminino, sendo ainda que um texto foi escrito em coautoria por um menino e uma menina. 24 textos compõem o livro, entretanto um deles é de uma das professoras envolvidas na JL.

Sobre os 7 acrósticos, vale pontuar que fiz a opção em não analisa-los, pois são textos que apresentam adjetivos que os alunos atribuem à mulher e que estão majoritariamente distribuídos ao longo dos demais textos. Para saber, as palavras utilizadas nos acrósticos foram: MULHER, CIGANA, PODEROSA, NEGRA, ÍNDIA e GUERREIRA, sendo que todos eles foram traduzidos para o inglês, com adjetivações diferentes ou não da utilizada no português e naquela língua utilizaram ainda o termo MOTHER.

Após as leituras dos textos, foi elaborado um quadro para facilitar a visualização para a análise de conteúdo¹⁰:

NOME DO TEXTO	AUTORIA	UNIDADES DE ANÁLISE	CATEGORIAS	AGRUPAMENTO DE CATEGORIAS
---------------	---------	---------------------	------------	---------------------------

⁹Cabe destacar que dois textos foram plagiados (“Mulheres do Topo da Árvore” e “As Mulheres com Mais de Trinta”). Ambos constam no quadro de análise, mas não foram analisados. Posteriormente foram retirados do livro. Sendo assim, dos 23 textos, nos sobraram 21.

¹⁰ O quadro completo encontra-se em anexo.

Nesse quadro, foram sendo agrupados os textos, seguindo a ordem em que aparecem no livro '*Nenhum Era uma Vez*'. Levantei as unidades de análise que interessavam a esse estudo, bem como aquelas que foram mais recorrentes. Logo em seguida fui escolhendo e nomeando as categorias, todas elas ligadas às visões que se tem acerca do feminino, estando elas visíveis ou não. Quando pude olhar para o quadro pronto, ficou mais fácil dialogar com a literatura analisada, encontrando os pontos em que havia diálogo ou discordância com tudo que temos discutido.

2.4 Contextualização

Para que se possa entender um pouco da extrema importância do tema, em especial na EMPIFna qual atuo e na qual estudam os alunos e as alunas que elaboraram os textos objetos de pesquisa dessa monografia é necessário apresentar aquele lugar, apresentar o contexto de vivência e produção. É importante conhecer um pouco do ambiente em que os alunos e alunas estão inseridos, levando-se em conta sobretudo o local onde a escola se situa.

A EMPIF está localizada na Região do Barreiro, na Unidade de Planejamento Jatobá, à Avenida Perimetral, nº 2911, bairro Castanheira II, Vale do Jatobá (Barreiro), Belo Horizonte, Minas Gerais. A região que faz limite com o Município de Ibirité e é caracterizada como uma ocupação urbana extremamente heterogênea de terrenos públicos e/ou privados, vilas e conjuntos habitacionais construídos pelo programa Minha Casa, Minha Vida, do governo Federal, segundo relatos dos próprios moradores. Conta, ainda, com a presença de equipamentos industriais, empresas e bairros residenciais de classe média baixa com baixo índice de verticalização. O Conjunto habitacional Águas Claras, implantado em 2004 pela PBH, abriga a maior parte das famílias que tem seus filhos matriculados na EMPIF.

Como já foi dito, uma característica marcante da região é a concentração de vilas e de conjuntos habitacionais, em sua maioria em situação de vulnerabilidade social, contexto no qual vivem os/as estudantes autores e autoras dos textos aqui analisados. O entorno da escola conta ainda com alguns órgãos de serviço público: dois Centros de Referência da Assistência Social – CRAS (Independência e Petrópolis); seis Centros de Saúde; oito creches comunitárias – uma delas sonhada e implementada por um grupo de mulheres no interior da ocupação, localizada em frente à escola; quatro unidades municipais de educação infantil (UMEIS), uma inclusive ligada à EMPIF e, num raio mais amplo, oito escolas municipais.

A EMPIF iniciou as suas atividades no dia 18 de fevereiro de 2013, não tendo ainda nem história e nem um grupo de professores bem consolidado, justamente por ser ainda muito nova. A demanda por uma escola naquele local teve início na década de 1990, quando a região expandiu seu processo de crescimento e ocupação populacional, aumentando a necessidade de um espaço para atender aos filhos dos moradores que começavam a chegar nos bairros Petrópolis e Independência. Diante de tal realidade a primeira posição da prefeitura de Belo Horizonte foi a ampliação da Escola Municipal Cônego Sequeira com o intuito de sanar a necessidade educacional que começava a se estabelecer ali. Entretanto, devido à distância, o alunado precisava ser deslocado com os ônibus da frota BH para crianças. Por volta de 2001, o local de construção da nova escola foi definido num terreno público mais próximo da região para atender à demanda crescente provocada pela intensificação do fluxo de pessoas nos bairros Santa Rita, Petrópolis, Vitória da Conquista e Águas Claras.

Devido à sua localização a EMPIF atende estudantes provenientes de várias das comunidades de seu entorno, como: Conjunto Águas Claras, Bairro Petrópolis, Bairro Independência, Vila Santa Rita, além das ocupações: Irmã Dorothy, Eliane Silva e Camilo Torres. Esses estudantes pertencem a diferentes classes socioeconômicas e trazem para a escola uma diversidade em relação à sua formação moral, religiosa e cultural, muito embora cada uma delas bem fechada em si mesma, apresentando inúmeros equívocos e preconceitos em relação ao outro, o que pode ser percebido claramente na atuação diária junto aos alunos e alunas.

Pelo que presenciamos e ouvimos dos relatos de alunos e alunas, de pais e, principalmente, de mães que estão mais próximos/as da escola e dos funcionários/as, o local onde boa parte de nossos/as alunos/as vivem é bastante insalubre. As condições de higiene, de acesso à água tratada e à rede de esgoto são mínimas. Alguns/mas alunos/as sequer tem banheiro em casa, outros ainda vivem em barracões improvisados e sem a infraestrutura fundamental para o reconhecimento do ser humano como cidadão do local que habita. As ações do poder público são muito pontuais e não garantem o acesso aos bens mínimos de sobrevivência digna a muitos dos moradores ali. Nesse sentido, é quase que um estado de abandono à própria sorte.

Por outro lado, principalmente os alunos e alunas que vivem nos conjuntos habitacionais possuem mais acesso aos bens mencionados acima. Isso gera um desconforto e uma falta de coesão no alunado que compõe a escola. Aparecem rixas e categorizações sociais, dentro do próprio contexto de exclusão e miséria ao qual todos estão expostos. A essa

situação pesa principalmente a participação comunitária de algumas lideranças das ocupações, em sua maioria do sexo feminino, que assumem posturas de reivindicar os serviços básicos junto ao poder público. Posso exemplificar citando a criação da creche comunitária Tia Carminha, que foi gestada e implantada por mulheres da Comunidade Eliana Silva, pois uma parte delas precisava trabalhar e não tinha com quem deixar seus filhos. Elas se mobilizaram e adequaram-se às condições oferecendo-se ajuda mútua, como pontua Maria Betânia Ávila (2004), existe uma espécie de “solidariedade comunitária ou familiar nas quais as mulheres trocam entre si o cuidado com as crianças e fazem as outras tarefas domésticas dentro da dupla jornada” (ÁVILA, 2004, p.9).

A maioria dos/as estudantes tem acesso apenas à televisão e rádio como meios de informação. A leitura se restringe ao ambiente escolar. O acesso à internet, e principalmente às redes sociais, se dá de maneira clandestina e improvisada. Não costumam frequentar teatros, cinemas ou outras apresentações artísticas, e tem esse tipo de contato muitas vezes proporcionado apenas pelos projetos desenvolvidos no âmbito da escola que, muito embora ainda conte com um grupo de professores ainda não muito articulados, tem em seus profissionais pessoas engajadas e comprometidas com o desenvolvimento social e humano de seus alunos e alunas. Quanto ao sexo, a escola apresenta uma maior presença de um grupo de estudantes nascidos com o sexo masculino, de acordo com dados do SGE (Sistema de Gestão Escolar), e se voltarmos nosso olhar para os sujeitos educadores, comprova-se que na sua maioria são do sexo feminino.

Como não podia ser diferente, as crianças, os/as jovens e os/as adultos/as que chegam a EMPIF trazem consigo identidades já formadas, de acordo com suas vivências em outros espaços e contextos anteriores a esse contato, são identidades de classe, raça e gênero já bem moldadas e algumas vezes nebulosas e incertas, mas, como já mencionei, cercadas de equívocos e preconceitos. Cada um vê à sua maneira e entende diferentemente do outro o que vem a ser o seu “território”. Essas identidades são caracterizadas por aquilo que os sujeitos trazem das linguagens, das relações sociais, de seus costumes e valores nascidos nas interações que se dão em seu contexto social e cultural.

Vale pontuar que é justamente aí que aparece uma das funções da escola: ajudar seu alunado a exercer o mais plenamente possível a sua cidadania, reconhecendo, revendo e ampliando seus saberes e valores. Cabe à escola possibilitar aos seus alunos e alunas o reconhecimento de seus conhecimentos e sua ampliação e qualificação, incorporando dados, organizando, desenvolvendo estratégias para perceber e buscar, pesquisar, associar e analisar

os diversos aspectos, fatos e pessoas que por ventura puderem encontrar ao longo de sua caminhada dentro e fora dos muros da escola.

2.5 A Jornada Literária de 2015 – História de Mulheres

Discorrer sobre a JL, proposta pelo Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual e do Programa de Bibliotecas da SMED, é uma tarefa um tanto árdua, pois não existem muitos registros acerca do projeto. Tanto no site da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), quanto em busca pela internet as informações são escassas e incompletas. Entrei em contato com a ouvidoria da PBH em julho de 2015, solicitando um histórico, mas não obtive resposta. É interessante notar que a proposta é bem vista no conjunto das escolas da rede, já tendo sido alvo de um breve análise em 2012, pela professora Rosália Diogo para o Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas – SIALA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, talvez pela importância do tema e não pelo projeto em si.

A PBH apresentou o projeto em 2011¹¹, junto à Secretaria de Educação do município, com o objetivo de promover o protagonismo de seus alunos, abrangendo crianças e jovens, visando também implementar com mais eficácia as proposições curriculares (principalmente de Língua Portuguesa), ainda com vistas a melhorar inclusive a organização e avaliação das escolas que aderissem ao projeto. Outro objetivo bastante visível no projeto, embora não consiga analisar sua implementação, é o envolvimento e a participação efetiva dos profissionais das bibliotecas das escolas, visto que ele é claramente voltado ao desenvolvimento da leitura. A ação recebeu o nome de Jornada Literária e no ano de 2015 esteve em sua quinta edição.

Já em seu nascimento, o projeto contava com duas etapas, a primeira escolar e a segunda municipal. Sendo que haveria premiações, mediante inscrições, prazos e edital. O produto final, desde 2011, é um livro coletivo que, de acordo com o próprio regulamento da ação de formação da SMED, deve ser fruto de atividades variadas, organizadas no âmbito escolar pelos professores envolvidos. No primeiro ano do projeto o tema foi “Histórias de Ruas”. Trazia aos/as estudantes a possibilidade de escrever sobre o lugar mais próximo de sua vivência, fora do lar, sendo que sugeria a realização de uma mapa literário do cotidiano do/a aluno/a. A produção total nessa edição foi de 59 livros.

¹¹<http://blogminassemcensura.blogspot.com.br/2011/04/pbh-apresenta-projeto-que-orienta.html>

Em 2012, ano que o projeto foi descrito pela professora Rosália Diogo, o tema foi “Sons, Cores, Imagens e Sabores: Áfricas no Brasil”. Sobre essa edição, encontramos notícias no site institucional da prefeitura, pelas quais já podemos perceber que houve uma formação mais elaborada do projeto, sendo que os professores envolvidos participaram de encontros para formação (o mesmo ocorreu com as professoras da EMPIF em 2015). Sobre essa edição, já encontramos os apontamentos da comissão de avaliação dos livros e dos critérios para tal. Foram produzidos 57 livros em toda a rede.

A terceira edição também aparece mais vezes quando fazemos uma busca pela internet. Em 2013 o tema foi “Histórias de Família” e já encontramos a categoria bilíngue. Com a mesma tentativa de se envolver os profissionais da biblioteca, tinha por objetivo desenvolver a leitura e a escrita. Mantem-se para os/as professores/as participantes os chamados Laboratórios de Aprendizagem ou Cursos de Formação Continuada, nos quais os/as integrantes planejam e debatem as atividades a serem desenvolvidas nas escolas e também trocam ideias, tendo contato com o que está sendo feito ou pensando nas outras escolas.

Desde a primeira edição, o projeto JLda GCPF/SMED já se estendia aos 2º e 3º ciclos de aprendizagem. Entretanto, no site da Prefeitura encontramos a seguinte afirmação: “todas as ações são pensadas, planejadas e desenvolvidas por meio de dinâmicas que buscam a ampliação dos conhecimentos linguísticos dos estudantes do terceiro ciclo”¹². Entende-se portanto que o projeto é bem orientado e organizado, mas está voltado principalmente aos anos finais do Ensino Fundamental. Essa colocação se dá devido ao fato de que quase nada se encontra a respeito da quarta edição do projeto. O tema de 2014 foi “Histórias de pré-adolescentes e adolescentes: em casa, na escola e na rua” e a menção que encontrei foi de uma escola que participou naquele ano, pois nem mesmo no site da prefeitura há informações.

Sobre a quinta edição, 2015, as informações são mais contundentes, pois tenho em mãos o regulamento da ação de formação da SMED e tive um contato efetivo com duas professoras que participaram do processo. Já na apresentação do regulamento de participação da quinta JL vem a informação de que a participação é por adesão e que o produto final é um livro, como nas outras edições. Nesse documento a equipe da JL chama a atenção para a importância das atividades preparatórias por parte dos/as educadores/as para tornar possível e menos doloroso o fazer literário, as quais são pensadas e desenvolvidas nos encontros de formação docente.

¹²<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=119776&pIdPlc=&app=salanoticias>

Em meio aos diversos objetivos da escrituração de um livro, a SMED, por meio da GCPF, pretende incentivar o protagonismo juvenil em trabalhos interdisciplinares, ampliando as capacidades de leitura e escrita que são também objetivos explícitos nas Proposições Curriculares de Língua Portuguesa do próprio Município. Essa edição foi coordenada pelos núcleos de Gênero e Diversidade Sexual e Étnico Racial e de Coordenação do Programa de Bibliotecas, sendo que a temática abordada tinha como objetivo

[...] fomentar a discussão e a compreensão da mulher na contemporaneidade [... além do] fortalecimento da identidade da mulher nas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte, em diálogo com as múltiplas expressões das masculinidades presentes nos ambientes escolares, assim como com os atravessamentos que envolvem os valores éticos e culturais a partir da ampla compreensão dos direitos humanos. (REGULAMENTO JL- HISTÓRIA DE MULHERES – PBH)

Na apresentação do projeto os organizadores pontuam ainda sobre o quanto essa proposta pode contribuir para reflexões transformadoras no meio escolar. Fala-se da importância de estereótipos, da assimetria de poder, de binarismo e violência e também da equidade de gênero e da introdução de outras linhas de pensamento e discussão como as populações negra e indígenas junto a nosso alunado, pontuando que o processo de ensino-aprendizagem pode contribuir sobremaneira em relação a todos esses aspectos. Segundo o cronograma básico da coordenação da JL 2015, a primeira fase, escolar, seria de março a outubro de 2015 e a fase municipal se daria com o envio do livro para a SEMED, sendo que o evento de culminância seria em 06 de novembro, o que não ocorreu.

2.6 Processo de Produção dos Textos

O desenrolar do presente trabalho e também daquele que foi desenvolvido ao longo de 2015 para a elaboração do livro '*Nenhum Era uma Vez*' para a participação na JL, não pode desconsiderar as características dos/as estudantes: sua idade e seus conhecimentos, suas possibilidades de compreensão e elaboração, o meio econômico, social e cultural onde vivem, pois elas determinam as formas de pensamento do/a estudante. São 30 autores/as com idades que variam entre 11 e 15 anos, todos/as moradores/as do entorno atendido pela escola, sendo que maioria deles/las se declara ou foi declarado/a na ficha de matrícula da secretaria da escola como pretos/as ou pardos/as. São claramente alunos/as um pouco mais interessados do

ponto de vista da aprendizagem formal, que querem participar e entender como se forma a escola e a sociedade. Tive a oportunidade de lecionar para quase todos/as e de longe conheço um pouco do engajamento político e social de alguns, sendo que me impressionei muito com o teor de determinados textos.

Já iniciei o relato sobre o desenvolvimento do projeto na EMPIF, dizendo que esse iniciou-se logo que as professoras de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa fizeram sua adesão, em março. Em uma de nossas reuniões pedagógicas, ambas o apresentaram aos demais profissionais da escola, tendo o apoio mais que imediato do professor de História e da professora de Artes do 3º ciclo. Posteriormente o projeto foi encaminhado à direção da escola devido as necessidades burocráticas e financeiras, uma vez que qualquer atividade de projetos internos devem ser pagas com dinheiro do caixa escolar e a produção e lançamento de um livro poderiam retirar recursos de outros projetos. Entretanto, ele foi aprovado e visto com bons olhos pelos/as trabalhadores/as do primeiro turno da escola, abraçado por alguns e esperado por todos, talvez porque haja ali a consciência de que “transformar a prática educativa exige uma mudança de atitudes e valores que permita um novo olhar para o encontro das diferenças” (CARRILLO, p. 159), mesmo sabendo que apenas um projeto pontual ou as interferências político-pedagógicas não são garantias suficientes para a mudança necessária.

O próximo passo foi apresentar o projeto e o tema aos alunos e às alunas e estimulá-los/las a participarem com a produção dos textos e dos desenhos. A princípio não foi muito fácil convencer a todos/as, pois existe uma parcela de meninos e meninas bastante desinteressada e que não está acostumada a assumir planos de estudo “tão longos”. Esse processo eu acompanhei de longe, a partir dos relatos das professoras e conversando com alguns/mas alunos/as. Após entenderem a proposta eles e elas passaram a ter contato com os debates e as discussões, os quais tornaram-se parte do dia-a-dia escolar, como qualquer outro conteúdo do currículo básico. Em pelo menos quatro disciplinas haviam atividades semanais e, às vezes, diárias acerca da questão de gênero.

Principalmente com o objetivo de promover vivências culturais diversificadas, de forma a favorecer, além do desenvolvimento de conceitos, a aprendizagem de atitudes, procedimentos e interações coletivas, os/as professores/as envolvidos/as no projeto optaram por trabalhar o tema, “História de Mulheres”, principalmente através de debates e discussões com participação de alunos e alunas e dos/as próprios/as educadores/as, criando situações problemas favoráveis ao entendimento do tema. Além de ser um momento de aprendizagem, serviu também como instrumento de avaliação, uma vez que debatendo, o/a aluno/a expõe aos

seus pares sua forma de compreender, relativizando opiniões e conhecimentos, argumentando, colhendo informações, explicando e organizando ideias e compreendendo as dos outros.

Para sensibilizar os/as alunos/as a professora utilizou-se de algumas estratégias, principalmente com o intuito de introduzir o debate acerca do papel ocupado pela mulher em nossa sociedade. Para tanto utilizou contos, crônicas, filmes, documentários e músicas, tanto com o objetivo de trabalhar seu conteúdo, não fugindo do planejamento anual de Língua Portuguesa, quanto debater e discutir questões presentes no cotidiano daqueles/as estudantes. Alguns dos materiais utilizados por ela estimulou e agradou bastante, outros nem tanto, talvez pela linguagem ou pela abordagem. Mas é nítido que alguns acabaram por influenciar a escrita dos textos, o que nos mostra o quanto podemos interferir, como educadores/as no processo de formação e de tomada de consciência de nosso alunado.

O professor de História iniciou os debates utilizando um vídeo que para os alunos do nono ano do Ensino Fundamental é bastante interessante e acessível: “História das Mulheres, um breve documentário” que discorre sobre a luta das mulheres por espaço na sociedade, fazendo um apanhado histórico. Pode ser encontrado no youtube¹³ e, apesar de haver algumas críticas históricas, contextuais e em relação aos temas que debatemos no GDE, é um bom vídeo para aguçar a curiosidade dos/as adolescentes. Outro vídeo utilizado foi “*Persepolis*”, animação francesa que também se encontra no youtube¹⁴, dirigida por Satrapi e Vincent Paronnaud que retrata a adolescência de uma iraniana a partir do início da Revolução. Vídeo que pode ser usado em para muitas finalidades nessa disciplina. Ele ainda utilizou o texto “Juntas e Separadas” de Silvânia Arriel¹⁵, da Revista Viver Brasil, o qual aborda a pluralidade do feminismo com uma tentativa de desconstruir o machismo. Pelo que conversei com esse professor, seu intuito, antes mesmo da chegada da proposta da JL, era trabalhar ao longo do ano letivo as relações de gênero e as lutas e enfrentamentos sociais. Então acabou utilizando a proposta para realizar um trabalho de conceituação e explanação histórica, apresentando fatos diferentes daqueles da Historiografia tradicional, onde os heróis são os homens brancos e ricos.

Em relação aos textos foram usados, de março a agosto: As Cocadas de Cora Coralina; Retrato Oval de Edgar Allan Poe; Sozinhos, Luiz Fernando Veríssimo; Os Namorados da

¹³<https://www.youtube.com/watch?v=PJ0zyTF414>. Publicado por Jhony Skeika em 8 de mar de 2012.

¹⁴<https://www.youtube.com/watch?v=Wb-Vle1oDB0>. Publicado por Maércio Leandro Fadini em 6 de jun de 2015.

¹⁵<http://www.revistaviverbrasil.com.br/plus/modulos/listas/?tac=noticias-ler&id=748#.Vp19W5orLMx>

Filha, Moacyr Sciliar; Circuito Fechado de Ricardo Ramos; Dona-de-Casa, Carine Vargas. Todos foram entregues aos alunos, lidos em sala, com atividade de interpretação e aula expositiva sobre o tipo/gênero do texto. Para cada um deles foram várias aulas e sobre cada um havia um debate, uma roda de conversa, na qual os alunos e as alunas ficavam livres para falar de suas impressões, contar casos e experiências, fazer comparações e utilizar a aprendizagem das aulas de História que já aconteciam paralelamente.

Nos casos das aulas de Língua Inglesa e Artes, as professoras trabalharam principalmente com adjetivos e ilustrações respectivamente. O intuito da primeira era trabalhar aquilo que os alunos e as alunas poderiam conseguir desenvolver em seu conhecimento limitado da Língua Inglesa. Já a professora de Artes empenhou-se em pensar junto a eles e elas como seria a parte gráfica do livro.

Aos poucos, os meninos e meninas foram se sentindo mais livres e interessados pelo tema e iniciaram a escrita de seus textos, alguns ainda mal elaborados, entretanto alguns/mas permaneciam sem interesse e produziam apenas pela nota para a disciplina. Assim, em abril tive contato com os primeiros. Textos confusos, que estavam desestimulando a professora de Língua Portuguesa, mas que foram sendo aprimorados ao longo do processo. Nesses primeiros textos tive a impressão de que a visão que os alunos tinham do feminino era um tanto negativa. Apareceram casos de agressões e, não raro, a mulher como sexo frágil.

Ao final do processo houve uma auto avaliação na qual a professora de Língua Portuguesa tentou auxiliar os alunos e as alunas a refletirem sobre as ações que realizaram. Além de admirar e entender o resultado, ela teve como finalidade possibilitar que os/as estudantes construíssem uma consciência crítica acerca dos modos de agir que utilizaram frente às tarefas que lhes foram propostas ao longo do trabalho realizado. Os alunos e alunas entenderam a importância do que foi feito. Entretanto, houve também um outro trabalho relacionado à informação sobre apropriação indevida de informações em qualquer tipo de publicação sem a devida referência (BONETTE e VOSGERAU, 2010), visto que tivemos dois casos de plágio e que, apesar da comissão de avaliação dos textos antes da escolha, passaram para a versão final do livro, causando grandes transtornos no momento da publicação e do envio do livro à coordenação da JL.

Em uma das aulas em que se fez o debate sobre o plágio, abordou-se a seriedade com a qual ele deve ser tratado, tentando levar os/as estudantes a entenderem que retirar um material pronto de outro autor e apresentá-lo como seu é uma questão de suma importância. Confirmou-se em nosso fazer o quanto é imprescindível orientar e mediar a escolha das

informações ao alunado. Entre os/as educadores/as surgiu mais forte a percepção apontada por Bonette e Vosgeraude de que é

[...] necessária uma reflexão, por parte dos envolvidos no processo de formação da criança e do adolescente, quanto aos meios e métodos usados nessa produção, cabendo ao professor, em sua função indispensável como intermediário, reconhecer seu papel como tal. (BONETTE e VOSGERAU, 2010, p.8)

2.7 A mulher e o feminino nas histórias de mulheres

Ao ler os textos e separar as unidades de análise, fui me deparando com algumas imagens recorrentes em relação ao que os alunos e as alunas pensam sobre a mulher. Muitas dessas opiniões fazem parte de um imaginário coletivo e social, de normas e naturalizações, perpetuados pela escola, como já foi dito. Outras tantas podem ser comparadas com o material que os/as professores/as utilizaram para realizar os debates em sala de aula. Algumas imagens também nos levam à ideia do príncipe e da princesa com a necessidade de se buscar um final feliz. Nesse sentido, os textos assim como seus autores, são atravessados pelas “diferentes bagagens culturais, sociais, históricas e familiares” (MATTOS, 2014a, p. 9) e, porque não, das escolhas e discussões proporcionadas em sala de aula, durante o desenvolvimento do projeto.

Nos textos dos/as alunos/as encontramos a expressão daquilo que Mattos (2014a) nos apresenta da seguinte maneira: “[...] o lugar do *feminino* é historicamente o lugar com menos poder, menos voz, menos reconhecimento” (MATTOS, 2014a, p. 3 – grifos da autora). As “funções” ou “atribuições” daquilo que é próprio de cada gênero aparecem de maneira naturalizada, ressaltando a fixidez ou o binarismo de gênero (oposição entre masculino e feminino) com a definição, mesmo que indireta, daquilo que “cada gênero pode ou não pode fazer, sentir, vestir, expressar...” (MATTOS, 2014a, p.3). Ou ainda “gerando expectativas em relação a como os corpos devem ser; a como as pessoas devem se comportar, falar, que características e até que gostos e interesses devem apresentar” (BERTOL, 2014b, p.2).

Entretanto, nos próprios textos, encontramos a ideia do dinamismo processual atrelado por Bertol (2014a) à identidade de gênero, uma vez que em uma mesma produção encontramos oposições em relação ao que seria “natural” do feminino com o que é atribuído ao masculino. Posso citar como exemplo o texto intitulado “Um Sonho Possível” em que ao mesmo tempo que a personagem principal quer fazer uma dieta e se enquadrar nos padrões sociais atribuídos (ideais mais ligados à beleza do que à saúde), ela entra em embate com o

masculino hierarquicamente superior (diretor escolar) para exigir um tratamento igualitário nas aulas de educação física da escola.

Para apresentar o resultado da análise dos textos optei em levantar as subcategorias mais recorrentes de acordo com as unidades de análise destacadas e posteriormente agrupá-las de modo a facilitar a análise, reduzindo-as em apenas quatro categorias que abrangem as características que mais se aproximam do título atribuído. A definição dessas categorias refletem o meu olhar, os aspectos que identifiquei e agrupo, as repetições e os silenciamentos. A apresentação será feita de acordo com a categoria e em diálogo com os autores aos quais recorro para embasar a discussão. No quadro abaixo apresento apenas a organização final das categorias:

<u>Categoria 1</u> MATERNIDADE / EMOÇÕES / SENTIMENTOS	<u>Categoria 2</u> VIRTUDES	<u>Categoria 3</u> DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	<u>Categoria 4</u> RELAÇÃO COM O MASCULINO
Sentimentos Emoções Família Mãe Retorno ao convívio com a mãe – pós divórcio Autonegação Sacrifício Relação com outras mulheres Redentora Não há um final feliz	Educadora Sabedoria Beleza Esforço / luta / engajamento Diversidade Alegria	Esforço / luta / engajamento Cuidadora Trabalho doméstico e de cuidados Acúmulo de tarefas	Violência Necessidade do masculino para chegar ao final feliz Submissão Conto de fadas Libertação / subversão

Cabe destacar que alguns textos são muito significativos e acabam trazendo mais aspectos para análise que outros. No quadro em anexo, os textos foram apresentados na ordem em que aparecem no livro. A maioria deles traz a visão tradicional do binarismo de gênero, fixando a mulher no lugar que lhe é demarcado socialmente, em diálogo com o seu oposto, o masculino, ainda que de forma não tão explícita. Três textos trazem uma visão mais crítica, uma posicionamento mais elaborado – são eles: “História de Mulheres”, “Um Sonho Possível” e “Carta para Deus”. Por outro lado, dois textos são bem diferentes do que foi se afigurando como regra para o montante analisado: “Minha Festa”, com características bem infantilizadas que, praticamente, não dialoga com os demais; “Simplesmente Mulher” traz, além da questão da violência do masculino sobre a família, a violência policial, sugerindo de

maneira explícita o contexto do autor.

Os outros 16 textos trazem com mais frequência a figura da mãe, algumas virtudes conferidas ao gênero feminino, a divisão sexual do trabalho, principalmente no espaço doméstico, e aspectos que demarcam a relação com o masculino, ou seja, as quatro categorias escolhidas para análise. Sobre a divisão do trabalho, dois deles são muito expressivos e estão em formato de circuito fechado¹⁶ sendo que em um as palavras contornam uma boca, trazendo a ideia da beleza e no outro, elas contornam o símbolo do infinito, levando-nos a pensar que não há como fugir do ciclo de repetição das tarefas atribuídas à mulher. Os quatro subtítulos abaixo se referem às categorias de análise que foram levantadas e que podem ser conferidas no quadro em anexo.

Ressalto que fazer a separação das unidades de análise não é tarefa fácil, uma vez que os assuntos estão todos intimamente relacionados. No que tange a questão da redenção, aparecem alguns exemplos claros relacionados a tal dificuldade: “[...] passou-se alguns anos e nada de seu pai voltar. A situação foi ficando cada vez mais crítica. Ela tinha que voltar a pedir novamente de porta em porta, algumas vezes ouvia muitas humilhações”¹⁷, “A mãe algumas vezes abria um largo sorriso, mas por dentro, seu coração doía e nem sempre ela conseguia”¹⁸. Neles aparecem explicitamente a questão da dependência financeira que a mulher e a família tem em relação ao homem provedor e o quanto sua falta é prejudicial, fazendo com que a mulher assuma uma postura de força (física, mental, etc.), delegada “naturalmente” ao homem, ou seja, essa citação, serve de exemplo a três das quatro categorias elencadas.

O levantamento das categorias aqui proposto foi feito com o intuito de organizar a apresentação dos textos, entretanto é importante perceber que elas estão intimamente relacionadas. Na maioria das vezes, uma unidade de análise não diz respeito apenas a uma categoria estabelecida, de modo que “o desenvolvimento deste método passa invariavelmente pela criatividade e pela capacidade do pesquisador qualitativo em lidar com situações que, muitas vezes, não podem ser alcançadas de outra forma” (CAMPOS, 2004, p.614).

Antes de apresentar as categorias gostaria de ressaltar o lugar de silenciamento, o não lugar, pois ele também pode ser considerado como uma categoria, diante de sua importância. Digo isto, pois é notável nos textos a ausência personagens lésbicas e bissexuais, reafirmando

¹⁶O que também nos mostra a influência do que foi trabalhado com os/as alunos/as em sala de aula, a partir do texto Circuito Fechado de Ricardo Ramos, disponível em

<http://bailedeliteratura.blogspot.com.br/2014/03/analise-circuito-fechado-ricardo-ramos.html>.

¹⁷ “História da vida da Minha mãe” – Raquel Souza.

¹⁸ “História da vida da Minha mãe” – Raquel Souza.

a dita heteronormatividade. Do mesmo modo não aparecem comportamentos assexuais, dando a idéia da inexistência desses temas e tampouco comportamentos homossexuais masculinos, os quais inclusive são mais presentes no dia-a-dia desses/as alunos/as, como o caso apresentado acima.

2.7.1 Maternidade / emoções / sentimentos

Nessa categoria agrupei as subcategorias que estão expostas, tanto no quadro acima quanto no quadro em anexo. Elas vão desde sentimentos e emoções que em nossa sociedade são atribuídas somente, ou majoritariamente, ao mundo feminino, até a figura da mãe, papel que, se mostra ali, praticamente toda mulher deve desempenhar: está presente a ideia naturalizada da mulher mãe, como se toda mulher trouxesse a maternidade consigo e devesse realiza-la para ser mulher. Não há uma unanimidade em relação à autoria, pois tanto nos textos de meninas, quanto nos textos de meninos aparecem a figura da mãe como aquela que cuida dos filhos, da casa e da família, aquela que se preocupa, que leva ao médico, que faz orações, que encaminha os estudos e que acolhe os filhos, estando sempre ao seu lado (principalmente as filhas, quando essas se separam dos maridos e retornam a ao convívio com suas mães), como por exemplo: “Paula e suas filhas foram morar na casa de sua mãe”¹⁹. Aparece “a figura da mãe como mulher responsável pela estrutura familiar no que tange ao cuidado, ao afeto e ao bem estar de seu lar” (PARIZ, 2011, p.30)

A imagem é sempre muito positiva, é a mãe que cuida²⁰: “Ela só pensa em nós”²¹, “Minha mãe nos arruma e nos leva para a escola”²², “Foi ela quem me levou para o hospital e ficou comigo”²³, “Sai para trabalhar e cuidar dos seus filhos, dando-lhe assistência, para que eles tenham sucesso na vida”²⁴, entre vários outros exemplos. “Sem dúvida está implícito que as disposições sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães cuidem da maioria das tarefas de criação dos filhos, estruturam a organização da família” (SCOTT, 1989, p.15). Fica

¹⁹ “A última palavras” – Ellen Rodrigues Quaresma.

²⁰ Essa ideia vai aparecer novamente e mais forte na categoria sobre a divisão sexual do trabalho, pois o cuidar, tanto da casa, quanto dos filhos, é função da mulher, ao homem é atribuída a função de provedor.

²¹ “Mãe para sempre” – Alexander Soares Braz.

²² “Mãe para sempre” – Alexander Soares Braz.

²³ “Mãe para sempre” – Alexander Soares Braz.

²⁴ “História de Mulheres” – Samuel Pinheiro de Brito.

latente que até mesmo para os/as jovens está incutido que o amor e o cuidado materno “são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças” (LOURO, 1997, p.100).

Ligada profundamente a esse ideal, aparece a questão de que a mulher é redentora, pois abre mão de suas necessidades e vontades em prol do bem estar da família, ou seja, há um movimento de autonegação em benefício do outro: ela tem capacidade de “ocultar os [seus] desejos”²⁵, sendo sempre “um ombro amigo”²⁶. Nesse sentido, como analisa Scott (1989), o conceito de gênero está limitado “à experiência doméstica”, pois o papel “tradicional” da mulher está ligado ao lar, mais uma maneira de significar as relações hierárquicas de poder, colocando o homem na esfera pública e delegando à mulher a esfera privada, devido à sua incapacidade política. É como se perpetuasse através dos textos o binarismo de gênero, ou “os estereótipos de gênero que são naturalizados nos processos de socialização” (MATTOS, 2014a, p. 8).

Além dessas relações e dos lugares bem marcados, em alguns textos o final nem sempre é feliz, como acontece nos contos de fadas que a escola teima em apresentar a seu alunado, pois, negando-se a mulher sucumbe, morre, murcha, perde o brilho e a alegria: “Fiquei tão triste, que fui embora sem dizer um adeus. Mesmo o amando”²⁷, “Mudei muito, nunca mais sorri como antes, nunca mais me interessei por ninguém. Hoje só sinto um profundo vazio dentro de mim...”²⁸. Além do que, percebemos a necessidade do masculino para a felicidade completa/plena do feminino, já espera-se que “especialmente no final das histórias, [o príncipe virá] salvar a princesa e desposá-la, completando-a e atribuindo um final feliz à história” (FILHA, 2015, p.598) – ideal do amor romântico, apontado pela autora.

Ainda nessa categoria é importante ressaltar que a relação entre mulheres não aparece recorrentemente nos textos, são poucas as referências a essa relação e quando aparecem são entre mãe e filha ou bem pontuais. Neste caso predomina uma abordagem negativa da relação entre as mulheres, como no caso da “amiga”: “a inocente moça pede um conselho a uma amiga”²⁹ – e torna “inimiga” quando há o masculino envolvido – “Não sabia que seríamos grandes amigas, mas não sabia que ao mesmo tempo, grandes inimigas”³⁰ (a personagem é “traída” pela amiga).

Estando todas as categorias em constante diálogo, é importante ressaltar aqui um apontamento de Debert (2008) sobre a violência doméstica: ela não é somente contra a

²⁵ “Ser Mulher” – Naila Vitória dos Santos.

²⁶ “Ser Mulher” – Naila Vitória dos Santos.

²⁷ “Azar no amor” –Thaiane e Rafaela

²⁸ “Azar no amor” –Thaiane e Rafaela

²⁹ “Escolhas erradas” – Raisonnde Paula Bentes.

³⁰ “Azar no amor” – ThaianeNogueira santos e Rafaela Gabriela Matias.

mulher, é sim familiar e não acontece apenas fisicamente, se dando também no campo psicológico. Sendo assim, “organizar ações que visam a eliminar a violência de gênero implica esboçar outros modos de conceber a família” (DEBERT, 2008, p.6), modificando a visão engessada dos lugares sociais e das “tarefas” de cada um. O texto “Simplesmente Mulher” nos coloca de frente a tal situação quando o pai usa a seguinte estratégia: “*se você não voltar para a casa, eu vou matar o nosso filho*”³¹.

Mais uma vez, portanto, aparece o diálogo entre as categorias, de modo que a discussão sobre a mulher mãe e seus sentimentos e emoções não se encerra aqui. Ela estará presente nas próximas categorias também, sendo ampliada à medida que novos elementos forem se apresentando.

2.7.2 Virtudes

Antes de definir essa categoria, levantei as características positivas atribuídas à mulher ao longo dos textos. Essas características lhes são atribuídas antes mesmo do nascimento porque “quando determinados sujeitos são nomeados em nossa sociedade como “mulher”, por exemplo, uma série de expectativas, concepções e valores estão presentes nessa nomeação” (MATTOS, 2014b, p.4). Algumas características são socialmente desejáveis para as mulheres em contraposição aos homens, sendo que as dicotomias variam entre doçura e delicadeza em contraposição à agressividades e à força, reproduzindo os contos de fadas que habitam o imaginário das crianças e adolescentes. Como destaca Filha (2011),

As características físicas e comportamentais desejáveis da subjetividade das princesas são condizentes com o que se espera das condutas femininas ensinadas social e culturalmente. É interessante observar como essas adjetivações compõem as representações de gênero que demarcam a feminilidade hegemônica (FILHA, 2011, p.594).

Dentre as virtudes levantadas a mulher aparece como educadora, sabia, esforçada e engajada; “as mulheres são guerreiras”³², elas têm que se “desdobrar para terminar os [...] estudos”³³, são corajosas e apesar de ter um dia a dia “muito duro”³⁴ e um trabalho desgastante estão sempre bonitas e alegres. Essas características mostram “um jeito único de

³¹ “Simplesmente mulher” – Vitor Yan Gonçalves Galdino Magalhães Prates.

³² “Mulheres” – Talita Eugênia Oliveira Pereira.

³³ “Carta para Marcelina” – Francielle Ferreira.

³⁴ “Notícia inesperada” – Adão Matheus.

ser feminino [...] apontam o que é ser feminino e, ao mesmo tempo, o que não é ser feminino, portanto masculino” (FILHA, 2011, p.595). De acordo com essas virtudes, a mulher ocupa um lugar que também se relaciona ao homem e à família uma vez que elas deixam “tudo melhor e [podem] ver sempre um lado positivo nos problemas”³⁵.

A visão que se tem é mesmo polarizada, distinguindo o objetivo do subjetivo, a razão e a emoção. Entretanto, talvez pelo lugar que esses/as alunos/as ocupam, ou pelas vivências que eles trazem (“ficou sabendo de uma invasão que iria ter em um terreno, e muitas famílias iriam lutar para um pedacinho de terra”³⁶, “Paula era corajosa e lutou até o fim, enfrentou protestos, dormiu debaixo de lona”³⁷), a mulher se arruma, se perfuma, sonha, é suave e sensível, nos mostrando o que Louro (1997) apresenta como “a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres (LOURO, 1997, p.74). Mas ao mesmo tempo, ela precisa ser forte, se engajar, protestar e lutar, como um homem: “muitas vezes elas são mulheres e homens ao mesmo tempo – mas no bom sentido”³⁸.

Mesmo sendo forte e a engajada, características socialmente atribuídas ao masculino, o que nos sobra é “a concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica [implicando] um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia *singular* de masculinidade e de feminilidade)” (LOURO, 1997, p.38). Confirmo isso através de um texto bastante politizado, “Carta para Deus”, escrito por uma menina. Nele, ela deixa claro essa dicotomia: “mesmo depois de tantas lutas somos consideradas o sexo frágil, mesmo depois de tanto suor nosso trabalho é desvalorizado”³⁹.

2.7.3 Divisão sexual do trabalho

Essa categoria e a próxima (relação com o masculino) são aquelas em que as discussões acabam se aprofundando e a questão da dicotomia se fortalece, pois não há como pensar o feminino sem o masculino. Por mais que este último não tenha sido o foco do projeto, ambos estão intimamente relacionados e um aparece na invisibilidade do outro. Além

³⁵ “Carta para Deus” – Izabela Luiza.

³⁶ “A última palavra” – Ellen Rodrigues Quaresma.

³⁷ “A última palavra” – Ellen Rodrigues Quaresma.

³⁸ “História de Mulheres” – Samuel Pinheiro de Brito.

³⁹ “Carta para Deus” – Izabela Luiza.

disso, há também uma discussão mais profunda trazida por Scott (1989), quando ela nos informa que “estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (SCOTT, 1989, p.7).

Para essa discussão recorro principalmente à Mattos (2014) e Ávila (2004), sendo que a última autora aborda a questão do uso do tempo pelas mulheres, bem como sua relação com o mundo do trabalho. Uma constatação importante de Ávila (2004) é a ideia de que o trabalho doméstico é destituído de valor social, e é justamente esse tipo de trabalho que é mais apresentado nos textos dos/as alunos/as, muito embora seja perceptível também o acúmulo de tarefas pelo sexo feminino. É a mulher que cuida da casa, dos filhos e do marido, que trabalha fora e ainda responde pelos estudos das crianças, isso quando ela também não estuda. Notamos uma dupla jornada de trabalho– “ela chegava em casa e começava a arrumar nossa casa”⁴⁰ – que leva para a mulher uma dificuldade em organizar o tempo e que se torna “uma das formas de sujeição das mulheres [...]” (ÁVILA, 2004, p.8). Nesse sentido cabem os questionamentos levantados por Mattos, principalmente em relação ao valor social atribuído às funções que cada sexo desempenha na sociedade, para

[...] refletir sobre as tarefas e atribuições que, cotidianamente, esperamos que mulheres e homens desempenhem no trabalho, na escola e em suas casas. Pense no tipo de tarefas/trabalhos que costumamos achar que são mais “apropriadas” para homens e para mulheres. Quem costuma ocupar cargos de chefia? E quem costuma realizar tarefas que são mais “invisíveis” – como de limpeza, de cuidado, de secretariado? Há diferenças no reconhecimento econômico (traduzido nos salários) pagos a essas pessoas? (MATTOS, 2014b, p. 1 - 2)

Os dois textos em formato de circuito fechado são bem significativos nesse sentido. Eles apresentam a reprodução contínua do trabalho doméstico, perpassado também pelo trabalho assalariado fora da instância do lar: arrumar, limpar, passar, almoço, casa, marido, filhos...Porque “todos os dias ela segue incansavelmente essa rotina”⁴¹. Esses textos se mostram bem maduros quando conseguem nos dizer que “[...] o dia pode começar as 5 da manhã, ou até mais cedo. Em alguns lugares ainda é noite quando a jornada das mulheres começa para movimentar as várias dimensões da vida cotidiana” (ÁVILA, 2004, p.9), pois neles isso tudo fica muito claro. As mulheres desses textos, assim como a grande maioria de nós, estão “inseridas no mundo do trabalho remunerado e responsáveis pelo trabalho doméstico elas transitam entre um espaço e outro, arcando com todas as incompatibilidades

⁴⁰ “Mãe para sempre” – Alexander Soares Braz.

⁴¹ “Mãe para sempre” – Alexander Soares Braz.

da divisão do tempo social e sujeitas às desigualdades da divisão sexual do trabalho” (ÁVILA, 20014, p.5 - 6).

O masculino é, tradicionalmente, o provedor. É ele quem trabalha fora e garante o sustento da família, mesmo que as mulheres/mães ocupem empregos formais. Podemos fazer um paralelo com as seguintes frases encontradas no texto “Mãe para Sempre”: “Como minha mãe não trabalha em um empresa, com carteira assinada e tudo mais, escolheu ser revendedora e claro, dona de casa”⁴² enquanto que “meu pai já tem um emprego fixo com carteira assinada e tudo”⁴³. Recorro à Mattos (2014b) nos sentido de perceber o quanto

[...] as sociedades ocidentais modernas são estruturalmente sexistas e, desta forma, naturalizam as desigualdades de oportunidades, de acesso a direitos e de valorização econômica (que se traduzem nos salários recebidos) de homens e mulheres. Essa diferença de tratamento se materializa nos espaços institucionais, e as hierarquias existentes nesses espaços atualizam essas relações de dominação. (MATTOS, 2014b, p.1)

Isso se dá devido à tradição de que “[...] o tempo do trabalho doméstico é elástico, sem limites, sem valor, parte da existência das mulheres” (ÁVILA, 2004, p.7), contribuindo muitas vezes para excluí-las da esfera pública e manter a hierarquia de um gênero sobre o outro. O texto de um menino nos diz “a mulher faz falta para quem já costumou com sua presença, *principalmente dentro de casa*. Elas fazem comida, arrumam casa e olham as crianças”⁴⁴ (grifos meus), e ele continua: elas “fazem os maridos subirem as paredes”, sendo que o que fazem bem mesmo é mandar, mas sem esquecer o lado bom, “deixam tudo organizado, tudo arrumado e tudo limpo”⁴⁵. Importa lembrar que, de acordo com Mattos (2014a), “a violência não é a única forma de se exercer domínio, pois é algo que pode ser exercido nas relações profissionais, nos espaços públicos, sempre que existe uma desigualdade de poder” (MATTOS, 2014a, p.8) e essa também está pautada pela divisão sexual e desigual do trabalho.

É a mãe/mulher que ensina a cozinhar, que leva ao hospital, que cura as feridas e “mesmo depois de tanto suor nosso trabalho é desvalorizado”⁴⁶. Uma aluna pontua que a mulher pode ser o que quiser: “executiva, camponesa, professora, médica, enfermeira, gari, padeira, engenheira, caminhoneira, jornalista e tantas mais!”⁴⁷. Outra ainda nos diz que “somos donas de casa, mães, amantes, esposas, profissionais e damos conta de tudo isso ao

⁴² “Mãe para sempre” – Alexander Soares Braz.

⁴³ “Mãe para sempre” – Alexander Soares Braz.

⁴⁴ “As mulheres” – Davi Reis Cardoso.

⁴⁵ “As mulheres” – Davi Reis Cardoso.

⁴⁶ “Carta para Deus” – Izabela Luiza.

⁴⁷ “Ser mulher” – Naila Vitória dos Santos.

mesmo tempo”⁴⁸, reconhecendo as várias dimensões do trabalho que o “sexo frágil” desempenha, sem contudo ter sequer o reconhecimento de que esse “tempo para os cuidados necessários para manter a vida da coletividade humana, [...] não é percebido como parte da organização social do tempo” muito pelo contrário, “é retirado da vida das mulheres como parte das atribuições femininas, determinadas pelas relações de poder de gênero” (ÁVILA, 2004, p.3).

Outro exemplo claro de desigualdade no que tange a divisão sexual do trabalho é justamente a presença da mulher nas escolas. A “convocação das mães para as reuniões da escola (que têm tudo a ver com o cuidado com estudantes e professorxs - *sic*) e muito menos dos pais (porque há uma ideia tácita de que estes têm coisas “mais importantes” a fazer)” (MATTOS, 2014b, p.7) está tão posta que em nenhum dos textos aparece a relação do pai/masculino com esse espaço do conhecimento. Em nossa sociedade patriarcal, esse conjunto de comportamentos e papéis que são associados ao masculino e ao feminino fazem parte das regras e valores coletivos que contribuem para reproduzir a desvalorização e a hierarquização dos gêneros, sendo que o feminino é sempre reduzido, principalmente no que diz respeito à divisão injusta e desigual do trabalho.

2.7.4 Relação com o masculino

A relação que se mostra entre o feminino e o masculino nos textos dos/as alunos/as está intimamente relacionada à questão afetivo-amorosa, sendo que nem mesmo a figura do pai é muito presente. Nesse sentido, duas situações são mais recorrentes: a violência, o controle e a dominação, seja ela física ou psicológica, e a ideia de se viver um “conto de fadas”, no qual o homem “perfeito” é responsável pelo final feliz da mulher, sendo que, sem ele, ela se torna quase que vazia.

As mulheres vivem um “sonho lindo de encontrar um amor verdadeiro. Um homem lindo, com um bom trabalho e bem sucedido na vida”⁴⁹, “um verdadeiro príncipe encantado”⁵⁰. Não é difícil perceber que essa idealização está presente aos montes em nossa

⁴⁸ “Carta para Deus” – Izabela Luiza.

⁴⁹ “Escolhas errada” – Raison de Paula Bentes.

⁵⁰ “Escolhas errada” – Raison de Paula Bentes.

sociedade, “a mídia enfatiza a proteção e o provedor como atributos de masculinidade” (BELELI, 2014, p.69). Os livros e as escolhas didático-pedagógicas desde a infância vão de encontro aos contos de fadas que vestem as princesas de rosa à espera do príncipe encantado “forte, charmoso, batalhador, destemido, desbravador, corajoso, inteligente, alegre, que gosta da família e dos animais. Ao mesmo tempo, espera-se que o príncipe seja delicado, romântico, gentil, carinhoso, bom, justo, com bons modos” (FILHA, 2015, p.599).

Para ser digna de alguém assim, a mulher deve guardar sua beleza (talvez por isso essa questão seja tão presente) e alguns outros predicados, como aponta Beleli (20014), os contos ensinam as formas de se comportar que farão com que a mulher encontre o parceiro ideal. Ela deve ser idealizadamente “feliz, vaidosa, linda, bonita, simpática”, não deixando de lado a “doçura, discrição, delicadeza, inteligência, fofura, meiguice, amabilidade; e algumas competências, como gostar de cozinhar, ser prendada, ser divertida” (FILHA, 2015, p.594). As características apontadas acima servem para reafirmar a “bipolaridade” existente entre o príncipe “corajoso e protetor” e o modo de ser mulher – “bondosa, calma, sonhadora e submissa” (BELELI, 2014, p.70).

Ao que parece, nos textos analisados, esse ideal cai por terra quando se dá efetivamente o relacionamento, talvez pelas vivências que os/as alunos/as trazem. A princípio a mulher precisa do masculino para se realizar, pois “o casamento [...] é uma instituição extremamente desejável para as mulheres [...]. Ela ganha respeitabilidade como casada e como mãe, adquirindo, portanto, outro *status*.” (PARIZ, 2011, p.23). Mas quando o encontro acontece, aparecem também o ciúme, as brigas e a traição, trazendo tristeza, violência e morte para aquele que é considerado o lado mais frágil da relação. Sendo que quando há a separação ocorre ainda outros dois tipos de sofrimento: o distanciamento dos filhos da figura paterna, fazendo com que a mãe assuma as duas funções e, conseqüentemente, as dificuldades financeiras, que muitas vezes se explicam a partir da categoria analisada anteriormente, já que o homem é a figura de segurança, aparecendo de forma distanciada, mas imprescindível – “passou-se alguns anos e nada de seu pai voltar. A situação foi ficando cada vez mais crítica”⁵¹. Todavia, essa possibilidade de sofrimento extrema ainda é preferível, pois “se a mulher optar em não se casar e não constituir uma família e ou não ter filhos, aí sim, está fadada ao fim, como se fosse um sacrilégio perante a sociedade e a família” (PARIZ, 2011, p.36). Em apenas um dos textos, aparece a felicidade conjugal, quando um autor pontua que os pais são felizes, pois não há brigas. E dois deles, autoras, colocam a necessidade contrária:

⁵¹ “História de vida da minha mãe” – Raquel Souza.

os homens precisando das mulheres, mas quase que como um apelo ou um arrependimento após uma situação de conflito: “Até hoje o homem se arrepende, porque vive sozinho sem ninguém e percebe o que a mulher passava”⁵² ou “sem as mulheres os homens não encontram sentido na vida”⁵³.

O outro lado da relação é ligado à violência sofrida pelas mulheres. Na maioria dos casos ela acontece fisicamente devido ao ciúme e ao sentimento de posse como em “Simplesmente Mulher” e “A Vingança Tarda, mas não Falha”. Em ambos os textos, as personagens são vítimas de cônjuges violentos, possessivos e ciumentos que promovem também a violência psicológica. Tais acontecimentos se relacionam à conduta “equivocada” da mulher que sai de casa ou que não cumpre com suas obrigações em cuidar do lar e do filho, mantendo-se submissa. É como aponta Beleli (2014), “desafiar as convenções, romper com a suposta normatividade de gênero, desloca os padrões pensados como hegemônicos de masculinidades e feminilidades” (BELELI, 2014, p.59) de modo que quebram-se os estereótipos e justifica-se uma agressão.

Bertol (2014), recorrendo à Machado nos explica sobre essa questão da violência:

[...] todas estas violências têm como fundamento relações de poder assimétricas e a imposição do binarismo de gênero. Em sua pesquisa, Machado (2001) demonstra que em muitas situações de violência contra as mulheres é comum encontrarmos uma tentativa do masculino exercer o domínio sobre um outro, e no caso, a parte violentada se configurar como o pólo feminino e sujeitado da relação. Há uma tentativa de garantia e de construção de uma identidade masculina através da violência. Em outros casos, a violência é justificada porque a parte violentada não cumpre as expectativas que recaem sobre o que se espera dela na relação, ou seja, no caso das mulheres, não se sujeita a vida doméstica, não se sujeita a figura masculina, ou seja, se opõe as desigualdades de gênero e a dominação masculina. (BERTOL, 2014a, p.7)

Todas essas situações apontadas por Bertol (2014a) aparecem nos textos dos/as alunos/as. Além delas, não podemos deixar de destacar a questão do sexo. Esse tema surge como uma obrigação do feminino, nos textos em formato de circuito fechado, fazendo parte do ciclo de tarefas que a mulher deve desempenhar ao longo de seus dias. Entretanto em um dos textos essa relação vem abusiva quando a autora apresenta em “História de Vida da Minha Mãe” que a personagem “quase foi abusada pelo cunhado quando foi morar com a irmã mais velha”⁵⁴. Quando a relação é com o masculino, vem pautada pela desvalorização,

⁵² “A vingança tarda mas não falha” – Júnio Souza e Alexander Soares.

⁵³ “História de mulheres” – Samuel Pinheiro de Brito.

⁵⁴ “História de vida da minha mãe” – Raquel Souza.

pelo machismo e pela discriminação, além do uso da força, como no mundo real, essas “opressões e violências ocorrem no espaço público, doméstico” (BERTOL, 2014a, p.6).

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Diante do exposto, posso apresentar alguns elementos como considerações finais para esse trabalho. A partir da análise de conteúdo pude fazer inferências e interpretações, relacionando o que foi visto nos textos dos/as alunos/as de acordo com o referencial teórico que serviu às discussões sobre gênero. A partir do Projeto JL e de sua análise aqui estabelecida, podemos refletir principalmente acerca das práticas educativas, considerando como a escola reproduz e perpetua estereótipos a partir do que ela seleciona ou silencia. Um exemplo prático veio das escolhas de material de trabalho feitas pelos/as professores/as que encabeçaram o projeto, visto que “os filmes infantis, os desenhos animados e o material pedagógico são de extrema importância” (BELELI, 2014, p.71) para a constituição social dos jovens, pois fazem parte do seu dia a dia e de seu imaginário, isso porque,

[...] quando falamos da (re)produção das hierarquias nas instituições, a escola aparece como um lugar de destaque, não apenas por se fazer presente na vida da maior parte da população, em algum momento de suas vidas, mas também por ser uma instituição extremamente hierarquizada, em que podemos identificar a naturalização de diferentes desigualdades (MATTOS, 2014b, p.5).

Como aponta Guacira Louro (1997), os argumentos de diferenciação biológica entre homens e mulheres ainda servem para determinar os papéis de cada um em nossa sociedade “seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social (LOURO, 1997, p.25 – grifos da autora). Diante disso, ainda nas palavras da autora, precisamos resgatar nas instituições a capacidade de perturbar “a noção simplista e reduzida de ‘homem dominante versus mulher dominada’” (LOURO, 1997, p.37).

Infelizmente, pude perceber que as práticas que queremos refutar e que tanto debatemos na academia em cursos como o GDE ainda se perpetuam dentro das escolas. Somos atores ativos na reprodução daquilo que queremos negar, passando aos/as nossos/as alunos/as visões e padrões de comportamentos que negamos. Ações como a JL são necessárias para a construção das identidades de nosso alunado, rompendo com os

estereótipos e prejuízos que excluem e oprimem as mulheres, e não somente elas. É imprescindível que tenhamos sonhos, utopias e sensibilidade para definir as políticas e projetos em prol da construção de “uma escola plural e diversa, em que práticas que reforçam os estereótipos de gênero possam ser tensionadas e repensadas, a partir do olhar crítico de professoras/es e estudantes” (MATTOS, 2014a, p.10).

“Dicotomias como cultura/natureza, objetividade/subjetividade, razão/emoção, carregam ao longo da história o significado de que o progresso humano se faz pela dominação do primeiro polo associado ao masculino, sobre o segundo, associado ao feminino” (PIMENTA, 2012, p. 17). É essa visão que ainda precisamos desconstruir, pois ela povoa o imaginário social. Entretanto, não podemos negar que, mesmo excluídos e oprimidos “os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder” (LOURO, 1997, p.37), ainda que seja assim: “Alice foi à sala do diretor da escola e pediu a ele que as meninas também tivessem direito as aulas de futebol. O diretor com um sorriso no rosto não concordou. Alice contou para suas colegas que decidiram fazer um protesto contra a diferença de gêneros”⁵⁵.

Mattos (2014b) nos apresenta a ideia de que a transformação das normas de gênero já naturalizadas e instituídas devem fazer parte dos cuidados na escola no sentido de “desconstruir as dicotomias e romper com as hierarquias que sustentam a reprodução das desigualdades” (ÁVILA, 2004, p.11), pois

[...] caso a escola não reveja seus currículos e suas metodologias de forma a identificar e desconstruir os processos de composição e perpetuação do estabelecido e do diferente, presentes em sua rotina institucional, nós, educadores(as), permaneceremos cúmplices de situações degradantes que envolvem não apenas nossos(as) estudantes, mas também nossos(as) colegas de trabalho e funcionários(as) dos locais onde trabalhamos. (BELELI, 2014, p.147).

Além das questões práticas para se trabalhar em sala de aula e que ainda demandam intensos debates, afim de promover uma intensa transformação de nossa realidade, é importante ressaltar um pouco das dificuldades encontradas para a realização dessa monografia. O trabalho poderia ter sido facilitado, por exemplo, se houvesse à disposição um material acerca do desenvolvimento da JL, mesmo que fosse para o grande público. Pude perceber que não houve por parte da SMED a preocupação em fazer um registro das

⁵⁵ “Um sonho possível” – Izadora Luiza Magalhães Prates, Davi Emanuel Pereira dos Santos e Vanderson de Almeida Gonzaga.

atividades desenvolvidas nesse projeto, ou que, se houve, essas informações ainda não estão disponíveis. É importante preservar a memória.

Outra questão a se pontuar é a falha na comunicação, pois enviei um e-mail solicitando informações ou maneiras de se proceder para ter acesso a elas e, quase um ano depois, não obtive respostas. Apesar disso, é necessário marcar como ponto positivo a preocupação da SMED em manter o curso de formação de professores relacionado à temática do gênero, pois ainda percebemos, usando apenas os textos dos/as alunos/as da EMPIF como objeto de análise, silenciamentos e “modelos” que não aparecem, ou que são invisibilizados, como a questão do homossexualismo por exemplo. Temas que ainda precisam ser discutidos e problematizados em sala de aula.

Acredito na ação transformadora da escola. Acredito que nosso fazer possa contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ações como essa, proposta pela SMED, através da GCPF e tomada como um desafio construtivo por um grupo empenhado com seu compromisso social e profissional, deviam ser muito mais frequentes, mesmo que com clara consciência de que elas não mudam o mundo e tampouco são suficientes. Precisamos, portanto, com urgência, nos atentar às modificações necessárias, com sensibilidade e postura política, para intervir na mudança da qualidade de vida, das relações de gênero e raciais que pautam as vivências de nossos/as jovens.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia. **A vida cotidiana e o uso do tempo pelas mulheres**. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel29/MariaBetaniaavila.pdf>. Acesso em 06 de fev. de 2016.

BERTOL, Carolina Esmanhoto. **Violências de gênero e enfrentamento ao preconceito de gênero**. Disponível em <http://moodle.gdeufmg.com.br/mod/resource/view.php?id=206>. Disponibilizado na plataforma Moodle do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, UFMG, 2014a.

BERTOL, Carolina Esmanhoto. **Gênero e escola: regulações e rupturas no contexto escolar**. Disponível em <http://moodle.gdeufmg.com.br/mod/resource/view.php?id=207>. Disponibilizado na plataforma Moodle do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, UFMG, 2014b.

BONETTE, Luzia Maristela Cabreira e VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau. **O plágio por meio da internet: uma questão ética presente desde o ensino médio.** Disponível em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/2318/1903>. Acesso em 22 de nov. de 2015.

BORGES, Lenise Santana, CANUTO, Alice de Alencar Arraes, OLIVEIRA Danielle Pontes de & VAZ Renatha Pinheiro. **Abordagens de Gênero e Sexualidade na Psicologia: Revendo Conceitos, Repensando Práticas.** Psicologia: ciência e profissão, 2013, 33 (3), 730-745.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** RevBrasEnferm, Brasília (DF) 2004 set/out; 57 (5): 611 – 4.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro e PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa e limitações do método.** Inf& Soc.: Est., João Pessoa, v. 2004, n. 1, p. 13 -18, jan./abr. 2014.

COSTA, Renata Gomes da; SILVERA, Clara Maria Holanda e MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. **Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina.** Disponível em <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/56/196>. Acesso em 26 de nov. de 2015.

DEBERT, Guita Grin& GREGORI, Maria Filomena. **Violência e gênero: Novas propostas, velhos dilemas.** Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 23 nº. 66 – fevereiro/2008.

Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Disponível em http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20150423150543.pdf

FILHA, Constantina Xavier. **Era uma Vez uma Princesa e um Príncipe...: Representações de Gênero nas Narrativas de Crianças.** Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200019&script=sci_arttext. Acesso em 09 de nov. de 2015.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>. Acesso em 27 de jan. de 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATTOS, Amana. **Movimento feminista e a construção social do gênero.** Disponível em <http://moodle.gdeufmg.com.br/mod/resource/view.php?id=175>. Disponibilizado na plataforma Moodle do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, UFMG, 2014a.

MATTOS, Amana. **Gênero, práticas institucionais e hierarquias.** Disponível em <http://moodle.gdeufmg.com.br/mod/resource/view.php?id=195>. Disponibilizado na plataforma Moodle do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, UFMG, 2014b.

MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas da Diferença no Ensino Escola.** São Carlos: EduFSCar, 2014. p. 11-65.

PARIZ, Leonir de. **O Feminino na Literatura Infantil.** Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61758/000866103.pdf?sequence=1>. Acesso em 09 de nov. de 2015.

PIMENTA, Sara Deolinda. **Participação, poder e democracia: mulheres trabalhadoras no sindicalismo rural.** Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais. Departamento de Ciências Pol/UFMG, 2012.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **Amor Romântico na Literatura Infantil: uma Questão de Gênero.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a07.pdf>. Acesso em 09 de nov. de 2015.

RICARDO, Rodrigo (org.). **Nenhum Era uma Vez... Women'sHistory.** Belo Horizonte: Poesias Escolhidas Editora, 2015. 48p.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Disponível em http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf.

SOUZA, Maria Celeste R. F. & FONSECA, Maria da Conceição F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e Discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática.** Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

http://projeto3ciclo.appspot.com/init/plugin_wiki/page/jornada-literaria. Acesso em 17 de jun. de 2015.

<http://blogminassemcensura.blogspot.com.br/2011/04/pbh-apresenta-projeto-que-orienta.html>. Acesso em 12 de nov. de 2015.

<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=87305&pIdPlc=&app=salanoticias>. Acesso em 12 de nov. de 2015.

<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=119776&pIdPlc=&app=salanoticias>. Acesso em 12 de nov. de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=PJ0zyTF414>. Acesso em 12 de nov. de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=Wb-Vle1oDB0>. Acesso em 20 de nov. de 2015.

<http://www.revistaviverbrasil.com.br/plus/modulos/listas/?tac=noticias-ler&id=748#.Vp19W5orLMx>. Acesso em 20 de nov. de 2015.

ANEXOS

ANEXO I – TEXTOS DOS ALUNOS

TEXTO 1 - MULHERES

Talita Eugênia Oliveira Pereira - 7º ANO

Mulheres são como vento:

as vezes perto,

as vezes longe.

Mulheres eternas

em nossos corações...

Basta uma palavra para descrever

AMOR

Para me alegrar

basta escutar

o que elas tem a dizer...

e não vou me arrepender!

Com elas a escola da vida

é a lei da disciplina.

Mulheres são guerreiras

com o coração de ouro

quente como o fogo.

Como águas nos rios

Me alegro rindo!!!

A vida é bela

e jamais amarela.

A vida é colorida

Assim como as mulheres

Branças, Negras, Amarelas

... SEMPRE BELAS!

TEXTO 2: MULHER TRABALHADORA!

Helen Cristina Simões dos Santos – 8º ANO

Dia, sujeira, pasta, dentes, banho, filho, marido, acordar, filho, arrumar, filho, carro, escola,
carro, casa, almoço, marido, banho, serviço, carro, escola, filho, almoço, diversão, café,
cansaço, banho, filho, marido, janta, noite.

NO LIVRO O TEXTO APARECE COMO CIRCUITO FECHADO, FORMATO DE UMA BOCA.

TEXTO 3: CARTA PARA MARCELINA

Francielle Ferreira – 9º ANO

Belo Horizonte, 01 de julho de 2015

Marcelina,

Estou com 25 anos e quando estava com 22, tive que me desdobrar para terminar os meus estudos em uma cidade vizinha e cuidar da minha avó, que esta muito velhinha. Nessa época conheci um rapaz em um restaurante, da mesma cidade que eu, e começamos a namorar. Depois de uma semana, ele contou-me que, apesar de ser novo, foi casado e tinha uma filha de 2 anos. Me assustei no início, mas resolvi continuar o relacionamento.

Depois da faculdade, fui morar numa cidade a 100 quilômetros de distância de onde ele morava. Toda vez que ia visitá-lo, ficava com ciúme, pois ele só dava atenção para a filha. Após três anos de relacionamento, descobri que ele havia me traído e que fazia isso há alguns meses. Terminei o namoro e meu mundo desabou. Acredito ter feito o certo para não sofrer mais. Ele diz que se arrependeu e queria reatar o relacionamento. As vezes penso que deveria voltar pra ele. Devo voltar ou é melhor conhecer outra pessoa?

Estela Campos!

TEXTO 4: A ÚLTIMA PALAVRA

Ellen Rodrigues Quaresma – 8º ANO

Paula morava numa pequena cidade do interior. Com seu marido, os filhos dele, e as duas filhas, Paulina e a Paola. Mas a separação do casal mudou totalmente a vida dessa família.

Paula e suas filhas foram morar na casa de sua mãe, mas como se já não bastasse, sua mãe sempre implicava com ela. Mas uma amiga de Paula ficou sabendo de uma invasão que iria ter em um terreno, e muitas famílias iriam lutar para um pedacinho de terra.

Mas Paula era corajosa e lutou até o fim, enfrentou protestos, dormiu debaixo de lona, que por sinal era muito ruim pois fazia muito frio. Mas ela venceu e hoje já tem a sua casinha e suas filhas moram com ela.

Então, surgiu um novo outro problema: Paola, sua filha mais velha, não estava se entendendo mais com sua mãe o que a magoou bastante. Paola então resolveu morar com seu pai, mas ele morava em outra cidade.

Paula ficou profundamente triste, mas Paola já tinha idade pra escolher com quem ela desejaria ficar. Chegando o dia da partida, ambas estavam a espera do ônibus. Mas Paula não conseguiria esconder suas lágrimas. Quando viu sua amada filha adentrar-se no ônibus, Paula não resistiu e gritou: Adeus!!!

De repente o ônibus parou e Paola viu sua filha correndo em sua direção, e as duas se abraçaram. Paola chorando, diz:

Essa não vai ser a última palavra que eu vou ouvir você dizer, me perdoa mãe?

Paula suspirou fundo, e abraçada disse para filha:

Não tenho que perdoar por nada, afinal você é minha filha e haja o que houver sempre vou estar do seu lado!

E assim as duas foram embora felizes, e muito animadas!

TEXTO 5: NOTÍCIA INESPERADA

Adão Matheus – 9º ANO

O dia a dia dessa mulher é muito duro, o nome dela é Fernanda, e ela tem duas filhas: Mônica e Lúcia. É mãe solteira. O trabalho dela é muito desgastante.

Um dia, ela chegou em seu trabalho e o seu patrão deu-lhe uma notícia que a deixou ansiosa. Ela ficou com essa notícia na cabeça o dia todo e não sabia se era boa ou ruim para ela.

Quando ela chegou em casa, falou com suas duas filhas. A notícia é que ela ganhou uma promoção, ela não sabia se era boa ou ruim. Porque por um lado iria ganhar mais e por outro, não iria ficar com suas filhas. Suas filhas ficaram muito tristes e ao mesmo tempo felizes.

Fernanda quase não dormiu a noite pensando na proposta. Assim que chegou em seu trabalho foi falar com o seu chefe.

TEXTO 6: MÃE PARA SEMPRE

Alexander Soares Braz – 9º ANO

Lá estava minha mãe, bonita e sempre alegre. E eu, criança inocente começando os estudos. Como minha mãe não trabalha em uma empresa, com carteira assinada e tudo mais, escolheu ser revendedora e claro, dona de casa.

Ela só pensa em nós, eu e meu irmão de apenas 3 anos. Meu pai já tem um emprego fixo com carteira assinada e tudo. Todos os dias na hora de ir para a escola minha mãe nos arruma e nos leva para a escola.

Ela chegava em casa e começava a arrumar nossa casa, depois ia fazer suas cobranças. Ela é revendedora da Avon, Natura e O Boticário, e ela sai de porta em porta para realizar suas cobranças diárias.

Todos os dias ela segue incansavelmente essa rotina. Levar-nos ao colégio, arrumar a casa, fazer comida e cobrar e vender para suas clientes. Gosto muito de minha mãe e ela também gosta muito de mim, tenho certeza! Quando brigo com meu irmão ela me dá broncas e as vezes até bate.

Foi minha mãe que me ensinou a cozinhar. Aliás a comida dela é maravilhosa! Se nós tivéssemos condições, ela abriria um restaurante, tenho certeza disso. Ela e meu pai são muito brincalhões e nunca os vi brigarem.

Quando tive uma infecção estomacal, foi ela quem me levou para o hospital e ficou comigo. Ela teve o mesmo cuidado com meu irmão, mas o problema dele foi bem pior que o meu; coitado, ele foi atropelado. Nossa! Ela arrumou um desespero! Queria avançar no homem que atropelou meu irmão. Mas ele o levou para o hospital junto com minha mãe. Graças à Deus que não aconteceu nada de grave. Ele não teve nenhuma seqüela.

Um dia declarei-me para minha mãe com o coração cheio de emoção:

_Mãe, obrigado por tudo que você fez e faz por nós. Sem você eu não seria nada. Muito Obrigado!

E ela começou a chorar de emoção. Me deu um abraço quentinho, e falou de novo que nos ama mais que tudo no mundo!

TEXTO 7: MULHERES DO TOPO DA ÁRVORE

Não foi analisado e nem será apresentado devido ao plágio.

TEXTO 8: CARTA PARA DEUS

Izabela Luiza Magalhães Prates – 9º ANO

Belo Horizonte, 30 de junho de 2015

Olá Deus,

Escrevo esta carta hoje pedindo que o Senhor ajude a nós mulheres. A cada dia nessa luta contra a desvalorização, machismo e discriminação.

Peço-lhe que nos dê forças, pois mesmo depois de tantas lutas somos consideradas o sexo frágil, mesmo depois de tanto suor nosso trabalho é desvalorizado. Somos um ser incrível, o Senhor sabe disso. Pois geramos outra vida dentro de nós e sentimos muita dor para dar vida a outro ser. Temos o poder da multiplicação. Somos donas de casa, mães, amantes, esposas, profissionais e damos conta de tudo isso ao mesmo tempo. Deixamos tudo melhor e podemos ver sempre um lado positivo nos problemas.

E o que seria dos homens sem nós, não é? Os ajudamos em tudo, mas quando queremos bagunçar toda sua vida, também sabemos como fazer isso em um minuto e depois, temos o poder de fazer tudo ficar bem. Mesmo com tanta doçura temos nossa TPM e quando esse dia chega é melhor eles fecharem a boca. Temos o poder de deixar tudo limpo, na moda e em paz ao mesmo tempo.

Engana-se quem acha que pode nos passar para trás. Temos um sexto sentido ÓTIMO, e mesmo tão doces, somos muito fortes, mesmo quando somos calmas somos nervosas.

Adoramos nos arrumar e nos perfumar. Posso definir em uma só frase: “Somos incríveis e não vamos desistir tão fácil”.

Então Senhor, nos ajude a mostrar aos homens que eles precisam de nós, e que somos ótimas em tudo que fazemos.

Com carinho,

Izabela Luiza

TEXTO 9: IDA – DE – UMA – MULHER

Maria Clara Pereira da Silva – 9º ANO

6:00, dentes, café, filhos, marido, marido, mesa, cozinha, carro, escola, carro, mercado, casa, sala, quarto, quarto dos filhos, banheiro, roupas, varanda, televisão. Essa não! Já são 13:00. Almoço, banho, roupa, perfume, sapatos, cabelo, maquiagem, carro, trabalho. Almoço trabalho, 20:00, carro, música, academia, filhos na casa da avó, casa, jantar, cozinha, filhos, contar historinhas, apagar a luz, beijo, televisão, 23:45, casa arrumada, banho, óleo, cabelo, corpo, camisola, 00:30, livro, despertador. Marido, sexo, 02:40, já é tarde vou dormir, pois amanhã tem mais um longo dia.

NO LIVRO O TEXTO APARECE COMO CIRCUITO FECHADO, SIMBOLO DO INFINITO.

TEXTO 10: HISTÓRIA DE MULHERES

Samuel Pinheiro de Brito – 9º ANO

Mulheres que trabalham, mulheres que são mães, mulheres que são heroínas na vida.

Muitas vezes as mulheres são simplesmente mulheres, mas muitas vezes elas são mulheres e homens ao mesmo tempo.

Mas no bom sentido. Por exemplo, as mulheres que cuidam de seus filhos sozinhas e são pai e mãe. Que sai para trabalhar e cuidar dos seus filhos, dando-lhe assistência, para que eles tenham sucesso na vida.

Por isso, sem as mulheres os homens não encontram sentido na vida.

TEXTO 11: ESCOLHAS ERRADAS

Raisson de Paula Bentes– 9º ANO

Uma mulher, como tantas outras, tem o sonho de se casar, ter filhos e ter sua casa própria.

Um sonho lindo de encontrar um amor verdadeiro. Um homem lindo com um bom trabalho e bem sucedido na vida. Mas, como nem todos os sonhos podem virar realidade, o sonho tornou-se pesadelo.

Esta mulher encontra um homem que para ela representava um verdadeiro príncipe. Começaram a sair juntos. Ele a pede em namoro e ela aceita, mas este não é um namoro de paz.

O namorado desta mulher é muito ciumento. Ele vive atrás dela sem deixar que qualquer amigo chegue perto. Ela pede para parar de espantar seus amigos. O “príncipe” com muita raiva acredita que está sendo traído.

Ela percebe que lhe despertara uma profunda ira. E jamais podia imaginar que ele era um ex-detento. Fato que ele havia escondido da moça. A inocente moça pede um conselho a uma amiga. A amiga aconselha que ela faça uma pesquisa sobre o rapaz.

Ao descobrir toda a verdade a garota pede um tempo, o que não o agradou nem um pouquinho, porém, para a surpresa da moça, ele aceita.

Ele volta a vida do crime não só para ganhar dinheiro, mas também para ralar com os seus amigos.

Eles vão até a moça e vendo-a sozinha atiram sem piedade por mais de 30 veze. Ela morre na hora. Os bandidos fogem, sua mãe hoje, ainda sofre com a má decisão de sua filha.

TEXTO 12: MINHA FESTA

Ana Victória da Silva Simão– 9º Ano

Estou começando a olhar as coisas para a minha tão esperada festa de 15 anos. Estou muito empolgada. Já olhei o sítio e o vestido, são muito bonitos.

O que está faltando pra festa: os convites, *banners*, salgadinhos, doces, bebidas etc.

Estava olhando os convidados e as pessoas que vão dançar. Tem tantas pessoas pensando que vão dançar e que serão convidadas, mas, na verdade não vão.

Essas pessoas fazem festa e não me convidam. Eu fico imaginando o dia 5 de Dezembro. Fico pensando como vai ser. As pessoas que serão convidadas e que não vão. Queria tanto que meu tio e meus primos fossem!!! Peço a Deus que eles venham, pois ficarei mais feliz ainda.

Outra pessoa que eu quero muito que venha na minha festa é o meu namorado, se ele não for eu vou ficar triste.

Eu quero que minha festa seja perfeita! Do jeito das festas que vejo no *youtube*. Quero que tudo aconteça do jeito que eu imagino. Eu fui em duas festas e uma foi muito legal e a outra foi mais ou menos. Teve briga, meu tio ficou pegando no meu pé, enfim, não foi muito legal. Mas a minha festa, tenho certeza, que vai ser muito legal. Será a minha festa de 15 anos!

TEXTO 13: SIMPLEMENTE MULHER

Vitor Yan Gonçalves Galdino Magalhães Prates – 9º ANO

Ana sempre teve o sonho de voltar a estudar. Mas seu marido, possessivo e rude não a deixava. Dizia-lhe sua obrigação era cuidar de seu filho de 9 anos. Um dia, em uma atitude de desespero, fugiu de casa e foi morar com sua mãe. Ana matriculou-se em uma escola.

Após seu primeiro dia de aula, ao voltar para a casa da mãe recebeu uma ligação de seu “ex marido” dizendo as seguintes palavras: “*Se você não voltar para a casa, eu vou matar o nosso filho*”. Ela desesperada avisou à polícia que imediatamente cercou a casa de Daniel, seu ex-esposo. Daniel colocou uma faca no pescoço do filho e avisou à polícia que se percebesse alguma tentativa de invasão, iria matar o próprio filho e depois suicidar-se.

A polícia pede-lhe que tenha calma e largue a faca. O homem completamente desesperado decide dar um fim na história. E em um ato impensado mata o filho com uma facada no pescoço.

Segundo os policiais que invadiram a casa o homem ainda tentou se suicidar, mas a agilidade da polícia impediu o ato. O homem foi levado ao médico e em seguida encaminhado para a prisão.

Ana muito transtornada decidiu vingar a morte do seu filho. Ao chegar à prisão fingiu que iria visitar o ex-marido. O assassino revela-lhe uma coisa assustadora: “Me desculpe, não foi eu que deu a facada, na verdade foi o Diego”. A fala do ex foi interrompida por um tiro certeiro na cabeça que o matou. O policial Diego foi o autor desse disparo.

Ana imediatamente pergunta o porquê? E sua resposta foi simplesmente um tiro, sem dó, nem piedade, nem palavras e nem gestos. Sua resposta foi apenas um tiro que tirou a vida de Ana.

TEXTO 14: UM SONHO POSSÍVEL

Izadora Luiza Magalhães Prates, Davi Emanuel Pereira dos Santos e Vanderson de Almeida Gonzaga – 7º ANO

Naquele dia uma menina chamada Alice estava em sua cama pensando em como seria bom se ela praticasse esportes. No entanto, tinha medo de sofrer *bullying* de seus colegas de escola.

Dessa forma ela pediu sua mãe para levá-la ao hospital.

Sua mãe sem entender a perguntou:

_ Porque isso agora?

_ Mãe, eu quero fazer uma dieta. Seguir as indicações de um médico.

Sua mãe então a levou ao médico. Na consulta o médico a explicou todos os passos da dieta e ela foi seguindo as indicações do doutor.

Desse modo Alice foi à sala do diretor da escola e pediu a ele que as meninas também tivessem direito as aulas de futebol. O diretor com um sorriso no rosto não concordou.

Alice contou para suas colegas que decidiram fazer um protesto contra a diferença de gêneros.

Fizeram reuniões com os professores, palestras com convidados e reuniram os pais de alunas. Com essas atitudes Alice e suas amigas fizeram um acordo na escola e puderam começar a treinar. Estavam todas muito felizes com sua conquista.

Agora a escola onde Alice estuda tem um time de futebol feminino composto por meninas de diferentes personalidades. Já foram para campeonatos e ganharam alguns jogos...

TEXTO 15: SER MULHER

Naila Vitória dos Santos – 9º ANO

Ser mulher é encarar os desafios da vida
é não desistir da luta, de uma forma qualquer.

Ser mulher é deixar transparecer
a sensibilidade nos olhos nos momentos ruins.
É ser o ombro amigo a quem precisa,
é ocultar os desejos, os sentidos, para explodi-los em emoção.

Ser mulher é ser menina ao mesmo tempo,
é se reconhecer numa canção.

Ser mulher é ser honesta com os outros e consigo,

Ser mulher é conviver numa sociedade machista,
e tê-los como amores ou amigo?
É ser verdadeira, e encantar a quem nos conhece

Ser mulher é ser amor, ser como uma flor
que todo dia floresce.

Mulher profissional, não é Amélia, nem também Iolanda
é Maria, Marias na sua real grandeza: executiva, camponesa, professora, médica, enfermeira,
gari, padeira, engenheira, caminhoneira, jornalista e tantas mais!

És única, és especial, es mulher, és mãe, és sábia!
mulher preciosa, mulher radiante perante as estrelas
seu brilho é constante.

A flor mais bela do dia, por onde passar deixa seu frescor,
suave e sensível que nos leva ao seu amor.

Aos cânticos de alegria, sua voz vira magia.

Esplendor de virtudes que repete em nossas vidas

TEXTO 16: AS MULHERES COM MAIS DE 30

Não foi analisado e nem será apresentado devido ao plágio.

TEXTO 17: HISTÓRIA DE VIDA DA MINHA MÃE

Raquel Souza – 8º ANO

Quando criança sofreu muito. A vida nunca foi fácil para ela. Aos 5 anos seu pai saiu de casa para trabalhar em cidades vizinhas, deixando para trás seus 11 filhos e sua mulher. Então, sua filha Valdelice, teve que pedir alimentos nas ruas, de porta em porta, para seus irmãos. Algumas vezes não recebia, outras vezes davam alguma coisa para ela e sua família.

Passou-se alguns anos e nada de seu pai voltar. A situação foi ficando cada vez mais crítica. Ela tinha que voltar a pedir novamente de porta em porta, algumas vezes ouvia muitas humilhações.

Mesmo assim, Valdelice não desistiu, porque sabia que tinha que arrumar comida para seus irmãos e sua mãe. A mãe algumas vezes abria um largo sorriso, mas por dentro, seu coração doía e nem sempre ela conseguia.

A filha teve que ir trabalhar para as pessoas por míseros tostões para conseguir comida para os irmãos. Quase foi abusada pelo cunhado quando foi morar com a irmã mais velha.

Passou-se mais uns anos e nada de seu pai chegar. Ela hoje dá graças a Deus, que a protegeu. Hoje em dia vive bem, trabalha, já completou o ensino médio tem três filhos e o pai dela até hoje não retornou.

TEXTO 18: AZAR NO AMOR

Thaiane Nogueira Santos e Rafaela Gabriela Matias – 9º ANO

Quando conheci Michele não sabia que seríamos grandes amigas, mas não sabia que ao mesmo tempo, grandes inimigas. Nos conhecemos em uma festa, e nesse mesmo dia conheci o homem que faria parte da minha vida e logo que o vi, me apaixonei. Era lindo! Gentil, carinhoso e bondoso. À princípio fiquei com muita vergonha de aproximar-me dele. Mas, não precisei. Ele aproximou-se de mim e logo convidou-me para sair. Fiquei muito feliz. Afinal, nunca fui convidada para um encontro.

Aceitei imediatamente nem precisei pensar duas vezes. Respondi prontamente:

_Sim.

Passou um tempo e começamos a namorar. Fiquei tão feliz, que quis logo contar para Michele. Queria que ela o conhecesse também. Mas Michele quis mostrar-me o menino por quem havia se apaixonado primeiro.

Então, disse que poderíamos nos encontrarmos para a apresentação, marcamos um jantar. Quando o vi fiquei chocada! Quase não pude acreditar!

Era o homem que me pediu em namoro. Fiquei totalmente sem reação. Porém, não falei nada na hora. Mas depois contei tudo pra Michele. Mas ela não quis entender-me e começamos a discutir.

Michele disse-me estava esperando um filho dele. Fiquei tão triste, que fui embora sem dizer um adeus. Mesmo o amando. Sem olhar pra trás, segui em frente.

Mudei muito, nunca mais sorri como antes, nunca mais me interessei por ninguém. Hoje só sinto um profundo vazio dentro de mim...

TEXTO 19: CUIDADOS DE MÃE

Alexander Soares Braz - 9º ANO

Lá estava eu, junto com minha mãe. Ainda pequeno sem rumo na vida ainda começando a estudar. Tinha apenas oito anos nessa época. Pensava só em brincar, com meus colegas. Minha mãe só ficava falando:

_Cuidado meu filho, para não se machucar!

Eu via meus colegas com brinquedos legais, videogames e bicicleta. Nossa! A bicicleta era meu brinquedo favorito! Mas eu ainda não tinha, era meu sonho!

Na véspera do meu aniversário estava doidinho para ganhar presentes. Quando finalmente chegou o meu aniversário, eu estava muito alegre. Começaram a chegar os convidados e colocar os presentes no cesto. De repente, chegou um carro prata: era meu padrinho. Ele tirou de lá de dentro uma *bike* novinha, vermelha, fiquei muito alegre.

No outro dia começamos a arrumar a bagunça, da festa. Depois abrimos os outros presentes. Logo, em seguida peguei a *bike*, mas não tinha rodinha, nem liguei peguei-a montei em cima dela e minha mãe falou:

_Cuidado meu filho para não se machucar!

Eu falei: Tudo bem mãe.

Desci uma ladeirinha, de repente *plafiti* no chão. Levei um “Tombasso” ralei todinho. Minha mãe veio correndo. Primeiro ela me xingou bastante, mas depois veio os cuidados. Tomei um banho para lavar os machucados em seguida minha mãe levou-me para o médico pra ver se aconteceu algo pior. O médico disse que não. Receitou apenas uma pomada para passar em cima dos machucados para cicatrizar melhor.

Minha mãe me levou para casa. Fiquei de repouso, minha mãe fez os curativos direitinho e os machucados cicatrizaram.

Um mês depois acordei fervendo de febre. Minha mãe e eu fomos direto para o posto consultar. O médico diagnosticou uma infecção e passou os medicamentos. Minha mãe deu os medicamentos, tudo certinho, passou uma semana já estava melhor.

De repente!

– Ah, eu sei o que você pensou.

Você pensou que aconteceu outra coisa comigo né.

Não foi isso, só agradei tudo o que minha mãe me fez e curti minha *bike* como qualquer criança da idade.

TEXTO 20: DETERMINAÇÃO

Carine Souza - 9º ANO

Seu amor não era homem nem mulher,
era cantar com fé.

Voz linda e suave gosta de cantar,
e a Deus agradar.

Fé não tinha não!
Só amor no coração!

Cantar com amor, para ela era uma canção.

Cantar pra ela era viver.

Mas ao fechar os olhos, senti o coração bater sem parar.

E a voz linda começou a parar.

O que era felicidade, virou tristeza.

E no seu rosto ia a lágrima a rolar.

Mas não parou de sonhar, que a linda voz ia chegar;

Com determinação no coração
ia seguindo a canção mesmo sem voz

Ia dançar pra expressar a canção em seu olhar.

Determinação é cantar e dançar!

TEXTO 21: A VINGANÇA TARDA MAS NÃO FALHA

Júnio Souza e Alexander Soares – 9º ANO

Ela era a mais bonita da rua. Todos a admiravam pela sua beleza. Era muito gentil e legal com todos, cumprimentava todo mundo e sempre andava com um sorriso no rosto. Mal sabiam que em casa vivia um drama, era outra mulher. Seu marido era muito ciumento, possessivo e violento. Caso alguém olhasse para, ela ele já ficava nervoso e agressivo. Ele trabalhava o dia inteiro e ela ficava presa em casa sozinha e só podia sair quando ele chegava.

Um dia, andando os dois pela rua, passou um homem desconhecido e começou olhar para ela admirando sua beleza, o marido com ciúmes disse:

- O que aquele homem está olhando, você o conhece?
- Não, eu nunca vi esse homem, ela respondeu-lhe com medo.
- Você está mentindo! Respondeu o homem.
- Não estou não! Disse com muito medo, pois sabia do nível de agressividade do esposo.

Quando chegaram em casa ele decidiu que ela só iria pra rua com uma roupa que tampasse o corpo todo e o rosto. Ela ficou muito revoltada e nervosa com ele, mas obedeceu por medo.

Passaram-se alguns dias e ela sempre a obedecer as ordens do esposo, tornou-se um pessoa triste, vazia sem vontade de viver. Percebeu em um belo dia, que o esposo havia saído para o trabalho e esquecera a janela aberta. Não hesitou sequer um segundo e pulou a janela. Saiu para a rua em completa liberdade. Foi até a delegacia e denunciou o marido, o homem foi preso por manter a mulher em cárcere privado e a mulher mudou-se daquele lugar.

Até hoje o homem se arrepende, porque vive sozinho sem ninguém e percebe o que a mulher passava.

TEXTO 22: AS MULHERES

Davi Reis Cardoso - 9º ANO

A mulher faz falta para quem já costumou com sua presença, principalmente dentro de casa. Elas fazem comida, arrumam casa e olham as crianças. Fazem os maridos subirem as paredes e tudo ao mesmo tempo. Mas o que as mulheres sabem fazer de melhor é mandar. “Pricila sai do celular! João vai arrumar o quarto! “Mô” arruma a torneira tá pingando!” Elas pedem e aí de nós se não obedecermos. Ai é que pedem mesmo”

Mas, elas tem o seu lado bom, deixam tudo organizado, tudo arrumado e tudo limpo. Mas, não é só nisso que elas são boas, naqueles dias em que estamos tristes elas vem e levantam o nosso astral. Quando doentes elas cuidam, quando vem aquela preocupação elas esclarecem.

As mulheres tem o poder para conseguir o que elas desejam de nós. Nos apaixonam, brigam, nos unem e trazem a paz.

Podemos chamá-las de verdadeiras super-heroínas! Quando brigamos e estamos longe, lembramos dos melhores momentos juntos. A mulher tem o poder de nos conquistar.

Sem as mulheres somos os verdadeiros bagunceiros, os caras sem noção, os homens sem limites.

ANEXO 2 – QUADRO ANÁLISE DE CONTEÚDO

AGRUPAMENTOS DE CATEGORIAS				
1 – MATERNIDADE – EMOÇÕES – SENTIMENTOS				
2 – VIRTUDES				
3 – DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO – aqui entra o trabalho doméstico e de cuidados				
4 – RELAÇÃO COM O MASCULINO – conflito, complemento, provedor, violência, submissão, relação de poder				
NOME DO TEXTO	AUTORIA	UNIDADES DE ANÁLISE	CATEGORIAS	AGRUPAMENTO DE CATEGORIAS
Mulheres	F	AMOR	Sentimentos / emoção	1
		Com ela a escola da vida é a lei da disciplina	Educadora Sabedoria	2
		Mulheres são guerreiras	Esforço / luta / engajamento	2
		A vida é colorida assim como as mulheres brancas, negras, amarelas... sempre belas	Diversidade Alegria	1 1
Mulher Trabalhadora	F	Filho	Mãe	1
		Marido	Relação com o masculino	4
		Arrumar	Cuidadora	3
		Casa	Cuidadora / divisão sexual do trabalho	3
		Almoço	Divisão sexual do trabalho	3
		Cansaço	Divisão sexual do trabalho	3
		Serviço	Divisão sexual do trabalho	3
Carta para Marcelina	F	Me desdobrar para terminar os meus estudos	Esforço / luta / engajamento	2
		Nessa época conheci um rapaz	Relação com o masculino	4

		Faculdade	Esforço / luta / engajamento	2
		Toda vez que ia visitá-lo, ficava com ciúme	Relação com o masculino (violência) Submissão	4
		Descobri que ele havia me traído	Relação com o masculino	4
		Terminei o namoro e meu mundo desabou	Relação com o masculino	4
		As vezes penso que deveria voltar pra ele. Devo voltar ou é melhor conhecer outra pessoa?	Relação com o masculino Necessidade do masculino para chegar ao final feliz	4
A Última Palavra	F	A separação do casal mudou totalmente a vida dessa família	Relação com o masculino Necessidade do masculino para chegar ao final feliz	4
		Paula e suas filhas foram morar na casa de sua mãe	Mãe Retorno ao convívio com a mãe – pós divórcio	1
		Ficou sabendo de uma invasão que iria ter em um terreno, e muitas famílias iriam lutar para um pedacinho de terra	Esforço / luta / engajamento	2
		Paula era corajosa e lutou até o fim, enfrentou protestos, dormiu debaixo de lona	Esforço / luta / engajamento	2
		Mas Paula não conseguiria esconder suas lágrimas. Quando viu sua amada filha adentrar-se no ônibus	Mãe Sentimento / emoção	1
		Você é minha filha e haja o que houver sempre vou estar do seu lado!	Mãe Sentimento / emoção	1
Notícia Inesperada	M	O dia a dia dessa mulher é muito duro	Esforço / luta / engajamento	2

		Ela tem duas filhas	Mãe	1
		O trabalho dela é muito desgastante	Esforço / luta / engajamento Divisão sexual do trabalho	2
		Ela ganhou uma promoção (no trabalho)	Esforço / luta / engajamento Divisão sexual do trabalho	2
Mãe para Sempre	M	Bonita e sempre alegre	Beleza	2
		Como minha não trabalha em um empresa, com carteira assinada e tudo mais, escolheu ser revendedora e claro, dona de casa	Esforço / luta / engajamento Divisão sexual do trabalho	3
		Ela só pensa em nós	Mãe Sentimento / emoção	1
		Meu pai já tem um emprego fixo com carteira assinada e tudo	Divisão sexual do trabalho	3
		Minha mãe nos arruma e nos leva para a escola	Mãe Divisão sexual do trabalho Cuidadora	3
		Ela chegava em casa e começava a arrumar nossa casa	Esforço / luta / engajamento Divisão sexual do trabalho Cuidadora	3
		Todos os dias ela segue incansavelmente essa rotina	Esforço / luta / engajamento Divisão sexual do trabalho	3
		Ela me dá broncas e as vezes até bate	Mãe Cuidadora	1

		Foi minha mãe que me ensinou a cozinhar	Mãe Divisão sexual do trabalho Cuidadora	3
		Ela e meu pai são muito brincalhões e nunca os vi brigarem	Relação com o masculino	4
		Foi ela quem me levou para o hospital e ficou comigo	Mãe Cuidadora Divisão sexual do trabalho	3
		E ela começou a chorar de emoção. Me deu um abraço quentinho	Mãe Cuidadora Sentimento / emoção	1
MULHERES DO TOPO DA ÁRVORE	M	O TEXTO NÃO FOI ANALISADO, DEVIDO AO PLÁGIO		
Carta para Deus	F	Escrevo esta carta hoje pedindo que o Senhor ajude a nós mulheres.	Esforço / luta / engajamento	2
		A cada dia nessa luta contra a desvalorização, machismo e discriminação	Esforço / luta / engajamento Relação com o masculino	4
		Mesmo depois de tantas lutas somos consideradas o sexo frágil, mesmo depois de tanto suor nosso trabalho é desvalorizado	Esforço / luta / engajamento Divisão sexual do trabalho	2 3
		Geramos outra vida dentro de nós	Mãe	1
		Somos donas de casa, mães, amantes, esposas, profissionais e damos conta de tudo isso ao mesmo tempo	Esforço / luta / engajamento Divisão sexual do trabalho	2 3

		Deixamos tudo melhor e podemos ver sempre um lado positivo nos problemas.	Sentimento / emoção Sabedoria	1 2
		E o que seria dos homens sem nós, não é?	Relação com o masculino	4
		Temos o poder de fazer tudo ficar bem	Sentimento / emoção Sabedoria	1 2
		Temos o poder de deixar tudo limpo, na moda e em paz ao mesmo tempo	Sentimento / emoção Divisão sexual do trabalho (natural)	1 3
		Somos muito fortes	Esforço / luta / engajamento	2
		Adoramos nos arrumar e nos perfumar	Beleza	2
		Nos ajude a mostrar aos homens que eles precisam de nós	Relação com o masculino	4
A Vida de uma Mulher	F	Filhos	Mãe	1
		Marido	Relação com o masculino	4
		Escola	Divisão sexual do trabalho	3
		Maquiagem	Beleza	1
		Trabalho	Divisão sexual do trabalho Esforço / luta / engajamento	3
		Sexo	Relação com o masculino	4
História de Mulheres	M	Mulheres que trabalham, mulheres que são mães, mulheres que são heroínas na vida.	Divisão sexual do trabalho Esforço / luta / engajamento	3 2

		Muitas vezes elas são mulheres e homens ao mesmo tempo – mas no bom sentido	Divisão sexual do trabalho <u>Relação com o masculino</u> <u>virtudes</u>	3 2
		São pai e mãe	Divisão sexual do trabalho Relação com o masculino	3 4
		Sai para trabalhar e cuidar dos seus filhos, dando-lhe assistência, para que eles tenham sucesso na vida	Divisão sexual do trabalho Esforço / luta / engajamento Mãe	4 2 1
		Sem as mulheres os homens não encontram sentido na vida	Relação com o masculino	4
Escolhas Erradas	M	Tem o sonho de se casar, ter filhos	Mãe Família Sentimento / emoção	1 1 1
		(Sonho de) ter sua casa própria	Esforço / luta / engajamento Sentimento / emoção	2
		Sonho lindo de encontrar um amor verdadeiro	Sentimento / emoção Relação com o masculino (conto de fadas)	1 4
		Um homem lindo com um bom trabalho e bem sucedido na vida	Sentimento / emoção Relação com o masculino (conto de fadas)	1 4
		Um homem que para ela representava um verdadeiro príncipe	Sentimento / emoção Relação com o masculino (conto de fadas)	1 4
		O namorado desta mulher é muito ciumento	Relação com o masculino (violência)	4
		Acredita que está sendo traído	Relação com o masculino	4

		Ela percebe que lhe despertara uma profunda ira	Relação com o masculino (violência)	4
		A inocente moça pede um conselho a uma amiga	Relação com outras mulheres Sentimento / emoção	1
		Sua mãe hoje, ainda sofre com a má decisão de sua filha.	Mãe Sentimento / emoção	1
A Última Palavra	F	O TEXTO APARECE REPETIDO NO LIVRO, JÁ FOI ANALISADO.		
Minha Festa	F	Festa de 15 anos. Estou muito empolgada	Sentimento / emoção	1
		Fico pensando como vai ser	Sentimento / emoção	1
		Outra pessoa que eu quero muito que venha na minha festa é o meu namorado, se ele não for eu vou ficar triste	Relação com o masculino	4
Simplesmente Mulher	M	O sonho de voltar a estudar	Esforço / luta / engajamento	2
		Seu marido, possessivo e rude não a deixava	Relação com o masculino (violência e submissão)	4
		(O marido) dizia-lhe sua obrigação era cuidar de seu filho	Relação com o masculino (violência e submissão) Mãe – naturalização de suas atribuições	4 1
		Em uma atitude de desespero, fugiu de casa	Relação com o masculino (violência e submissão) Libertação / subversão	4
		Foi morar com sua mãe	Mãe Libertação / subversão	1 4
		<i>Se você não voltar para a casa, eu vou matar o nosso filho</i>	Relação com o masculino (violência e submissão)	4

		Ela desesperada avisou à polícia	Relação com o masculino (violência e submissão)	4
		Ana muito transtornada decidiu vingar a morte do seu filho	Relação com o masculino (violência e submissão) Subversão	4
		Sua resposta foi apenas um tiro que tirou a vida de Ana	Relação com o masculino (violência)	4
Um Sonho Possível	F / M	Alice estava em sua cama pensando em como seria bom se ela praticasse esportes. No entanto, tinha medo de sofrer <i>bullying</i> de seus colegas de escola.	Relação com o masculino Divisão daquilo que é próprio do gênero	4
		Ela pediu sua mãe para levá-la ao hospital	Mãe Cuidadora	1 3
		Mãe, eu quero fazer uma dieta	Mãe Cuidadora Beleza	1 3
		Desse modo Alice foi à sala do diretor da escola e pediu a ele que as meninas também tivessem direito as aulas de futebol. O diretor com um sorriso no rosto não concordou.	Relação com o masculino - hierarquia Esforço / luta / engajamento Divisão daquilo que é próprio do gênero Libertação / subversão	4 2 4 4
		Alice contou para suas colegas que decidiram fazer um protesto contra a diferença de gêneros.	Esforço / luta / engajamento Divisão daquilo que é próprio do gênero Libertação / subversão	2 4

		Um time de futebol feminino composto por meninas de diferentes personalidades	Esforço / luta / engajamento Divisão daquilo que é próprio do gênero Libertação / subversão	4
Ser Mulher	F	Encarar os desafios da vida é não desistir da luta	Esforço / luta / engajamento Libertação / subversão	2
		Ser mulher é deixar transparecer a sensibilidade	Sentimento / emoção	1
		Ombro amigo	Sentimento / emoção	1
		Ocultar os desejos	Sentimento / emoção Autonegação	1 1
		Emoção	Sentimento / emoção	1
		Honesta	Sentimento / emoção	1
		Ser mulher é conviver numa sociedade machista, e tê-los como amores ou amigo?	Relação com o masculino	4
		Verdadeira	Sentimento /emoção	1
		Ser amor	Sentimento / emoção	1
		Uma flor que todo dia floresce	Sentimento / emoção Beleza	1
		Profissional, não é Amélia, nem também Iolanda é Maria, Marias na sua real grandeza: executiva, camponesa, professora, médica, enfermeira, gari, padeira, engenheira, caminhoneira, jornalista e tantas mais!	Divisão sexual do trabalho	4
		Especial	Sentimento / emoção	1

		Sábua	Sabedoria	2
		Preciosa	Sentimento / emoção	1
		Radiante	Sentimento / emoção	1
		Suave e sensível	Sentimento / emoção	1
		Virtudes	Sentimento / emoção Sabedoria	1
AS MULHERES COM MAIS DE 30	M	O TEXTO NÃO FOI ANALISADO,		
A História de Vida da Minha Mãe	F	A vida nunca foi fácil para ela	Esforço / luta / engajamento	2
		Aos 5 anos seu pai saiu de casa para trabalhar em cidades vizinhas, deixando para trás seus 11 filhos e sua mulher.	Relação com o masculino Mãe Família	4 1
		Passou-se alguns anos e nada de seu pai voltar. A situação foi ficando cada vez mais crítica. Ela tinha que voltar a pedir novamente de porta em porta, algumas vezes ouvia muitas humilhações.	Esforço / luta / engajamento Relação com o masculino Mãe Redentora Autonegação	2 4 1
		A mãe algumas vezes abria um largo sorriso, mas por dentro, seu coração doía e nem sempre ela conseguia	Sentimento / emoção Mãe	1
		A filha teve que ir trabalhar para as pessoas por míseros tostões para conseguir comida para os irmãos	Esforço / luta / engajamento Redentora	1
		Quase foi abusada pelo cunhado quando foi morar com a irmã mais velha.	Relação com o masculino (violência – submissão)	4

		Passou-se mais uns anos e nada de seu pai chegar.	Relação com o masculino (necessidade financeira)	4
		Ela hoje dá graças a Deus, que a protegeu	Sentimento / emoção	1
		Hoje em dia vive bem, trabalha	Divisão sexual do trabalho	3
		Já completou o ensino médio	Esforço / luta / engajamento	2
		Tem três filhos	Mãe	1
		O pai dela até hoje não retornou	Relação com o masculino	4
Azar no Amor	F	Não sabia que seríamos grandes amigas, mas não sabia que ao mesmo tempo, grandes inimigas	Relação com outras mulheres Sentimento / emoção	1
		Conheci o homem que faria parte da minha vida e logo que o vi, me apaixonei	Relação com o masculino	4
		Era lindo! Gentil, carinhoso e bondoso. À princípio fiquei com muita vergonha de aproximar-me dele. Mas, não precisei. Ele aproximou-se de mim e logo convidou-me para sair. Fiquei muito feliz	Relação com o masculino (conto de fadas) Sentimento / emoção	4 1
		Michele quis mostrar-me o menino por quem havia se apaixonado primeiro	Relação com outras mulheres	1
		Era o homem que me pediu em namoro	Relação com o masculino	4
		Michele disse-me estava esperando um filho dele. Fiquei tão triste, que fui embora sem dizer um adeus. Mesmo o amando	Relação com outras mulheres Redentora Sentimento / emoção Não há um final feliz	1

		Mudei muito, nunca mais sorri como antes, nunca mais me interessei por ninguém. Hoje só sinto um profundo vazio dentro de mim...	Redentora Sentimento / emoção Não há um final feliz Relação com o masculino	1 4
Cuidados de Mãe	M	Minha mãe só ficava falando: _Cuidado meu filho, para não se machucar!	Mãe Cuidadora	1
		Levei um “Tombasso” ralei todinho. Minha mãe veio correndo. Primeiro ela me xingou bastante, mas depois veio os cuidados	Mãe Cuidadora	1 4
		Minha mãe levou-me para o médico	Mãe Cuidadora Relação com o masculino / divisão sexual do trabalho	1 3
		Minha mãe fez os curativos direitinho	Mãe Redentora	1
Determinação	F	Fé	Sentimento / emoção	1
		Suave	Sentimento / emoção	1
		Agradar	Sentimento / emoção	1
		Cantar com amor	Sentimento / emoção	1
		Não parou de sonhar	Sentimento / emoção	1
		Determinação no coração	Sentimento / emoção Esforço / luta / engajamento	1
A Vingança Tarda, mas não Falha	M	Ela era a mais bonita da rua. Todos a admiravam pela sua beleza. Era muito gentil e legal com todos, cumprimentava todo mundo e sempre andava com um sorriso no	Beleza Sentimento / emoção	1

		rosto		
		Mal sabiam que em casa vivia um drama, era outra mulher. Seu marido era muito ciumento, possessivo e violento – nervoso e agressivo	Relação com o masculino (violência – submissão)	4
		Ela ficava presa em casa sozinha e só podia sair quando ele chegava	Relação com o masculino (violência – submissão)	4
		Um homem desconhecido e começou olhar para ela admirando sua beleza	Relação com o masculino Beleza	4
		Ela respondeu-lhe com medo	Relação com o masculino (violência – submissão)	4
		Não estou não! Disse com muito medo, pois sabia do nível de agressividade do esposo.	Relação com o masculino (violência – submissão)	4
		Ele decidiu que ela só iria pra rua com uma roupa que tampasse o corpo todo e o rosto. Ela ficou muito revoltada e nervosa com ele, mas obedeceu por medo.	Relação com o masculino (violência – submissão)	4
		Ela sempre a obedecer as ordens do esposo, tornou-se um pessoa triste, vazia sem vontade de viver	Relação com o masculino (violência – submissão)	4
		Foi até a delegacia e denunciou o marido	Relação com o masculino (violência – submissão) Subversão	4

		Até hoje o homem se arrepende, porque vive sozinho sem ninguém e percebe o que a mulher passava	Relação com o masculino Subversão	4	
As Mulheres	M	A mulher faz falta para quem já costumou com sua presença, principalmente dentro de casa. Elas fazem comida, arrumam casa e olham as crianças. Fazem os maridos subirem as paredes e tudo ao mesmo tempo. Mas o que as mulheres sabem fazer de melhor é mandar	Relação com o masculino	4	
			Divisão sexual do trabalho	3	
			Mãe	1	
			Família	1	
			“Mô” arruma a torneira tá pingando!	Relação com o masculino	4
				Divisão sexual do trabalho	3
			Mas, elas tem o seu lado bom, deixam tudo organizado, tudo arrumado e tudo limpo	Relação com o masculino	3
	Divisão sexual do trabalho				
		Não é só nisso que elas são boas, naqueles dias em que estamos tristes elas vem e levantam o nosso astral.	Sentimento / emoção	1	
			Sabedoria	2	
			Alegria		
			Quando doentes elas cuidam, quando vem aquela preocupação elas esclarecem	Família	1
				Cuidadora	3
			Podemos chamá-las de verdadeiras super-heroínas	Família	1
	Sentimento / emoção				